Adachi
Ela tem um corpo magro, quase esquelético, sem muitas curvas. Confessou seus sentimentos para Shimamura e agora são oficialmente um casal. Ela quer que as duas fiquem no mesmo grupo durante a viagem escolar.
Shimamura
Uma garota um tanto desligada. Conforme a viagem escolar se aproxima, ela ainda não descobriu como lidar com sua relação com Adachi.
"Me diz uma coisa, Shimamura. Você já foi pra fora do país?"
"Não posso dizer que já."
"Tem algum lugar específico que você gostaria de ir?"
"Hmm... Acho que São Francisco seria legal."
"E-Então, vamos pra lá!"
"Pra onde?"
"Pra Frisco!"
"Tipo, agora?"
"S-S-Se for isso que você quiser, então sim."

"Você tirou uma foto minha sem minha permissão, é?"
"Desculpa."
"Não, não. Tudo bem. Não ligo muito pra isso. Ei, quando você tirou a foto, o que estava pensando?"
"Eu... achei que você estava muito bonita."
"Bonita? Eu? Isso não é algo que eu ouço com frequência."
"Eu acho que... isso é algo bom."
"Qual parte?"
"Eu pensei que as pessoas poderiam estar sempre se aproximando de você..."

A primeira pessoa que encontrei ao voltar para casa foi Yashiro, cambaleando pelo corredor.

Ela carregava um cacho inteiro de bananas. Tenho que dizer, o esquema de cores vibrantes e alegres combinava bastante com o brilho característico da garota.

Ontem tinham sido feijões pretos, e hoje, bananas. Ela estava sempre comendo alguma coisa, não estava?

"Eeek!"

Assim que nossos olhos se encontraram, a garota se virou e saiu correndo. *Por quê?* Curiosa, tirei os sapatos e fui atrás dela. Poucos momentos depois, já a havia alcançado, segurando-a pela nuca; aparentemente, ela não estava realmente tentando fugir de mim.

"Hyaaah!"

"Por que você tá correndo?"

"Sem motivo."

"Imaginei..."

Se fosse outra pessoa, talvez estivesse me evitando, mas no caso da Yashiro, esse tipo de conceito parecia simplesmente não existir em seu mundo.

Com os pés balançando no ar, ela começou a descascar uma das bananas. Havia algo nos pequenos movimentos de suas mãos que me fazia lembrar da minha irmã, quando ainda era pequena. Naquela época, ela aceitava as coisas com muito mais facilidade, assim como eu também aceitava. *Será que ela também acabaria crescendo e se tornando como eu sou agora? Era bem possível.*

“Que isso, seu lanche?”

“É o meu almoço”, murmurou a garota, com as bochechas agora estufadas de fruta. Embora já fosse tarde demais para o almoço, ela claramente não se importava nem um pouco. Não, ela parecia simplesmente feliz, da forma mais inocente possível. A cada mordida, via suas bochechas se estufarem ainda mais. Elas balançavam de um lado para o outro, assim como seus lábios. Tive a sensação de que, se a deixasse sozinha, ela acabaria comendo até a casca.

“Bananas são deliciosas.”

“Eu sei.”

“Bom, nesse caso, toma. Aproveite.”

Dizendo isso, a garota tirou uma banana do cacho e me entregou. Peguei e a virei na mão, percebendo de imediato que ainda tinha a etiqueta de preço. Era o mesmo tipo usado no supermercado local. No geral, não havia nada que diferenciasse aquelas bananas das que tínhamos por aqui. Pensando nisso, percebi rápido que, mais cedo, quando Yashiro saiu correndo, ela estava indo em direção à cozinha.

“……”

Bom, tanto faz. Fui em frente e descasquei a banana que ela me deu.

“A Pequena não vai voltar pra casa?”

“Pensei que já estivesse aqui.”

“O grupo de crianças que vi no caminho de volta me fez pensar que ela estava com elas.”

Levando Yashiro comigo, fui até a sala de estar. Lá, sentei com ela ao meu lado. Nós duas então começamos a comer as bananas. A doçura da fruta — intensificada pelo fato de eu não ter comido nada desde o almoço — logo encheu minha boca, fazendo tanto minhas bochechas quanto minha garganta formigarem.

Quanto à Yashiro, ela já tinha terminado a dela e estava na segunda banana. Seus modos lembravam mesmo os de uma criança pequena. Ela não tinha qualquer laço sanguíneo comigo nem com a minha família, e mesmo assim, estava aqui. Pensar nisso de forma direta era meio estranho.

Toquei seus pés — mais precisamente, as solas. Eram macios como os de um bebê. Suas laterais, suas bochechas, tudo nela dava essa mesma sensação ao cutucar. Ela era tão macia, tão suave, quase como se o tempo não tivesse efeito algum sobre ela.

Além disso, era muito fria. Tocá-la era como encostar numa gota de orvalho ao amanhecer.

“Hmm?”

“Ei, em que tipo de coisa você costuma pensar?”

A expressão curiosa dela me fez realmente imaginar o que se passava em sua cabeça.

“Comida. Penso em como seria bom se eu tivesse um monte de coisa pra comer.”

“Hahaha.”

“Queria poder ser tão feliz quanto você”, comentei enquanto bagunçava seu cabelo. Isso fez com que partículas brilhantes se espalhassem ao nosso redor.

“Também fico pensando, de vez em quando, se minha compatriota está bem.”

“Sua compatriota? Ah, é. Você mencionou algo assim uma vez. Acho. Talvez.”

Definitivamente, eu sentia que tinha ouvido ela falar sobre isso quando nos conhecemos, mas, sendo bem sincera, já tinha esquecido a maior parte dos detalhes. Acho que era tipo da família dela ou algo assim. Isso parecia fazer sentido. Lembrava dela dizer que veio até aqui para procurá-la, embora, do jeito que estava agora, ela claramente não estivesse procurando nada.

“Só espero que tenha achado algo pra comer”, disse a garota enquanto comia sua segunda banana. Não parecia particularmente preocupada.

O que consegui entender de tudo isso era que ela provavelmente não vivia com a família. Onde ela morava, então? Eu não fazia ideia. Sim, ela passava a maior parte do tempo na nossa casa, mas não era disso que eu estava falando. O que me interessava mesmo era de *onde* ela tinha vindo. Apesar da falta de bom senso, ela dominava perfeitamente o idioma, então isso não me dava pistas. Além disso, não conseguia pensar em nenhum lugar onde pessoas naturalmente tivessem um cabelo como o dela.

Havia muitas coisas sobre ela que eu fingia não notar, mas, quando parava para pensar de verdade, ficava claro que Yashiro era um tipo único de criatura. Não importava onde você procurasse, não encontraria outra igual. Ela era do tipo que, se fosse estudada e tivessem seus dados publicados, ganharia uma página na história da humanidade. E lá estava eu, tendo contato direto com ela. Estávamos comendo bananas juntas. Pensar nisso assim me dava uma sensação estranha.

Dito isso, mesmo que logicamente eu soubesse que deveria achar estranho tê-la por perto, na verdade não achava; até porque, tudo o que ela fazia era comer e dormir.

Alguns momentos se passaram, e então ouvi barulhos vindo do da entrada. Percebi na hora que era minha irmã chegando em casa.

“Acho que é ela.”

“Oooh!” exclamou Yashiro, empolgada, enquanto balançava os pés para cima e para baixo. As duas se davam muito bem. *Seriam tão próximas quanto eu e a Adachi? Não, espera... Se fossem, acabariam virando namoradas também.* Como irmã mais velha, eu achava que ela ainda era nova demais para isso. *Mas então... quer dizer que, se fossem mais velhas, tudo bem?* É, melhor nem tentar responder essa.

“Ah, onee-chan. E a Yachi.”

Carregando sua mochila pesada, minha irmã entrou na sala de estar. Isso fez com que Yashiro pulasse de onde estava e, com uma banana meio comida na mão, corresse até ela. As duas então se chocaram uma contra a outra. Parecia que esse era o jeito delas se cumprimentarem.

“Aqui, Pequena. Uma banana pra você.”

“Nossa! Valeu.”

Um brilho de alegria apareceu no rosto dela enquanto ela dava uma mordida na banana que recebeu.

“Mais um macaquinho, hein?”

Na verdade, eu já tinha ouvido dizer por aí que bananas não faziam bem para macacos, mas enfim.

Enquanto observava as duas se dando bem, largada sobre a mesa, acabei soltando um suspiro profundo.

Não era exatamente cansaço. Não de verdade. O que eu sentia era mais como se uma cortina acinzentada tivesse sido puxada sobre meus olhos. Sabe aquela sensação de desânimo que bate quando você se depara com uma pilha de bagagem ainda por organizar? Era tipo isso.

“.....”

Foi só um exemplo aleatório que me veio à cabeça, mas pensando bem, até que faz sentido.

Nosso segundo ano do ensino médio. Outubro. Depois da aula. Segunda-feira. Adachi.

As coisas realmente estavam se acumulando.

***

Ao que parecia, outubro era a alta temporada das excursões escolares para alunos do segundo ano do ensino médio. Um monte de escolas marcava suas viagens justamente nessa época do ano. Ouvi isso em algum lugar, uma vez. *Onde exatamente? Não faço ideia.* De qualquer forma, nossa escola claramente não era exceção.

O destino era o mesmo do ano anterior: a cidade de Kitakyushu. Também havia a opção de fazer uma viagem para o exterior numa data diferente, mas nesse caso era preciso arcar com os custos extras. Tinha bastante país parceiro para escolher — como Tailândia, Austrália e Estados Unidos, só para citar alguns — mas, sendo bem sincera, eu não estava nem um pouco a fim de ir para nenhum deles. "Adachi e Shimamura nos EUA" não era algo que iria acontecer tão cedo. Minhas notas em inglês já garantiam isso.

Sentada na sala de aula, cercada por outros alunos à espera do fim do dia, sentia o ar morno e úmido, ainda com resquícios do verão, passando por mim. Não era exatamente minha época preferida do ano, mas ainda assim eu gostava bem mais dela do que a que estava por vir: o inverno. Só de lembrar do frio chato que ia durar por meses, um sentimento melancólico tomava conta de mim.

O inverno era, de fato, o pior. Meu corpo ficava rígido, eu ficava ainda mais cansada do que o normal, e para piorar, bastava ficar parada por alguns minutos que minha pele já começava a ressecar, como se fosse rachar. Se eu não tivesse alguém para segurar minha mão e me manter aquecida desse jeito, talvez eu simplesmente congelasse de vez.

Enquanto pensava no inverno que se aproximava, minha mente vagou até Gon. Ele ainda estava vivo. Ainda existia no mesmo mundo que eu.

Só saber disso já era o suficiente para manter meu coração aberto, para não cair naquele abismo sombrio que é a solidão.

Fechei os olhos e deixei a onda de emoção passar por mim.

Enquanto isso, do outro lado das minhas pálpebras, chegava a hora de decidir os grupos da excursão escolar. Pelo visto, seriam grupos de cinco pessoas. Abri os olhos e dei de cara com a Adachi saltando da cadeira. Quase correndo, ela veio direto na minha direção. Isso fez com que ela chamasse um pouco a atenção; embora fosse algo meio esperado, ainda assim me surpreendeu vê-la ser a primeira a se mexer.

"Tá apressadinha, hein, Adachi."

Resolvi provocar um pouco, mesmo sabendo muito bem o que ela queria falar. Adachi, por sua vez, pareceu perceber isso também, e logo puxou meu braço. A pontinha do nariz dela ficava cada vez mais vermelha enquanto ela abria a boca, devagar e nervosa.

"V-Vamos ficar no mesmo grupo."

"Claro que vamos."

Era óbvio que faríamos isso. O problema era que o grupo precisava ter cinco pessoas. Talvez deixassem formar um grupo com seis, se sobrassem alunos, ou

com quatro, se faltassem, mas ainda assim... duvidava muito que aceitassem um grupo com só duas.

Ah, se ao menos a Hino e a Nagafuji estivessem na nossa sala. Foi o que pensei enquanto olhava em volta. Teria sido perfeito, ainda mais porque a Adachi até que se dava bem com as duas. Quer dizer, nem tanto ultimamente, mas enfim. A propósito, ela parecia não estar nem um pouco preocupada com esse detalhe do número de integrantes, e sim concentrada unicamente em mim. *Será que ela estava tão aliviada assim por saber que íamos estar no mesmo grupo?* Só podia ser. Não era difícil imaginar ela tendo ficado ansiosa com isso o dia todo. Era bem a cara dela.

Será que eu devia avisar que ela estava com a boca meio aberta?

"Ei, Shimamura. Vocês duas já acharam um grupo?"

Essa voz... Tonchinkan? Não, não era isso. Era... hmm... Ah, certo. Sancho, DeLos e Panchos. *Tá, esses nem eram os nomes verdadeiros delas, só apelidos que eu inventei.* De qualquer forma, eram três meninas, e pareciam estar convidando a gente para entrar no grupo delas. *Estavam fazendo isso porque queriam, ou porque sentiram que tinham que fazer?* Se eu tivesse que apostar, diria que era a segunda opção.

(Nota: Depois de meses traduzindo a novel, só fui entender agora a escolha desses nomes. É uma referência à “Sancho de Los Panchos”, uma música presente no capítulo "The Wild West" do jogo *Live A Live*. O mais engraçado é que a compositora da canção se chama Yoko Shimomura.)

Apesar de termos conversado bastante no começo do segundo ano, em algum momento simplesmente paramos. Muito por causa da Adachi.

"Podemos entrar no grupo de vocês?"

"Sim. Na verdade, era isso que eu ia perguntar."

Quem respondeu foi a Sancho. Assim como a Nagafuji, ela também usava óculos, mas ao contrário dela, parecia realmente ser organizada. Quer dizer, a Nagafuji também dava essa impressão... superficialmente. Eu só sabia por experiência própria que, por trás da fachada, ela era bem diferente — e bem mais lerda também.

Elas eram três, e nós duas. Cinco no total, o número exato. Eu, pessoalmente, não via motivo para recusar.

A palavra-chave aí sendo “pessoalmente”.

"Você também tá de boa com isso, né, Adachi?"

Ela ainda não tinha soltado meu braço desde a hora que agarrou. Após lançar um olhar rápido para as três garotas, ela voltou os olhos para mim. Cheios de hesitação. A boca dela fez um biquinho, num misto de frustração e decepção. Parecia que a única forma dela ficar feliz mesmo seria se fôssemos só nós duas.

Eu já a conhecia bem o bastante pra ter previsto isso. De qualquer maneira, não dava para continuar assim.

Me levantei, dei um tapinha na cabeça dela e repeti a pergunta:

"Tá de boa?"

"...Tô."

Todas aquelas vezes que eu a chamei de boa menina acabaram dando nisso. A causa e o efeito estavam meio misturados aí, mas tudo bem.

O rosto da Adachi estava um pouco vermelho enquanto ela lentamente desfazia o biquinho. Embora eu tivesse a impressão de que talvez houvesse algo mais que eu pudesse fazer pra deixá-la totalmente bem, a escola não era o lugar para isso. Quer dizer, a gente podia acabar levando bronca se eu fizesse. Pelo menos era essa a sensação que eu tinha. E por isso não fiz nada.

As três ainda estavam paradas ali do lado, observando a cena se desenrolar em silêncio. Virei a cabeça para elas e dei o sorriso mais largo que consegui.

"Espero que a gente se divirta."

"C-Certo."

Dessa vez foi a Panchos quem respondeu, com um tom um tanto constrangido.

Pelo menos elas não pareciam completamente incomodadas. Resolvi interpretar isso como algo positivo.

"Haha..."

A forma como eu tratava a Adachi definitivamente não dava a impressão de que a gente era namorada. Me chamar de irmã mais velha também não parecia certo. Não, o mais preciso mesmo seria dizer que eu era a mãe dela.

Com os grupos montados, acabamos nos dispersando. O professor até falou um pouco sobre os preparativos para a viagem, mas para ser bem sincera, eu não estava planejando me estressar com isso. Afinal, eram só duas noites. E além disso, dava para usar o uniforme o tempo todo.

Pouco me importava como as coisas se desenrolariam. Eu ia simplesmente deixar a corrente me levar.

Adachi e eu saímos da sala de aula junto com os outros alunos, mas em vez de irmos direto para casa, acabamos parando para conversar debaixo do telhado da área das bicicletas.

Dava pra ver nos olhos dela que tinha algo que queria dizer — e queria *muito*.

Ali fora, dava mesmo pra sentir como a luz do sol e o calor iam ficando mais suaves a cada dia que passava. Meu cabelo já não grudava mais na testa. Na verdade, até que estava confortável. Pela pele, eu conseguia sentir a mudança das estações, o passar do tempo.

O dia de amanhã e o inverno se aproximavam ao mesmo tempo.

"Me diz uma coisa, Shimamura. Você já foi pra fora do país?"

"Não posso dizer que já", respondi, enquanto apertava os dedos contra o sino da bicicleta. Minha família não era como a da Hino. "Mas eu gostaria de ir um dia."

Lá fora, bem longe, existiam incontáveis lugares sobre os quais eu não sabia absolutamente nada. Toda noite, enquanto eu dormia, coisas aconteciam pelo mundo. Pessoas riam, choravam, nasciam e morriam.

Mesmo sem conseguir enxergar, o mundo com certeza continuava existindo.

Essa forma de pensar acabou despertando um certo interesse em mim.

Quanto à Adachi, parecia que ela já tinha superado o que aconteceu na sala. A cabeça já não estava mais baixa, e os olhos não estavam mais colados no chão.

“Tem algum lugar específico que você gostaria de ir?”

“Hmm... Acho que São Francisco seria legal.”

Foi o primeiro lugar que me veio à cabeça. Meio que queria ver aquela placa famosa do caranguejo pessoalmente. Também tinha a Croácia, que diziam ter várias cidades bonitas. Com certeza eu não me importaria de visitar lá também. Na real, qualquer lugar onde o céu fosse azul e as nuvens bem brancas já estaria bom.

“E-Então, vamos pra lá!”

Que sugestão ousada. Além de se inclinar um pouco para frente, Adachi também tinha segurado minha mão em algum momento.

“Pra onde?”

“Pra Frisco!”

“Hmph. Primeira vez que ouço alguém abreviar desse jeito.”

Deixando de lado a escolha curiosa de abreviação, São Francisco era mesmo um lugar tão perto assim? A gente podia simplesmente ir se quisesse?

Claro que não. Era, no mínimo, mais longe do que Shikoku ou Hokkaido.

“Tipo, agora?”

“S-S-Se for isso que você quiser, então sim.”

Tive a impressão de que Adachi realmente estava apegada à ideia de fazermos uma viagem só nós duas. Acabei sorrindo de leve.

“Não, deixa pra lá.”

Para começar, a gente tinha aula amanhã. E além disso, eu nem tinha passaporte. Sem falar que dinheiro também era um problemão.

Éramos só duas estudantes do ensino médio. Não tínhamos a liberdade necessária para simplesmente viajar pra algum lugar do nada.

Quisesse a gente visitar São Francisco depois da aula ou no fim de semana, dava na mesma: *era praticamente impossível.*

Mas e daqui a dez anos? Será que aí daria? Talvez.

“Hmm...”

Dez anos no futuro, hein? Será que ainda estaríamos juntas, eu e a Adachi?

Adachi provavelmente não se oporia. *Mas e eu?*

Não tinha certeza, e era essa falta de certeza que me deixava inquieta.

Que filosófico da minha parte. Acho que coisas que não fazem sentido acabam sendo isso mesmo: *filosofia*.

“Shimamura?”

A voz da Adachi me trouxe de volta à realidade. Parece que eu tinha me desligado por um instante.

Acenei com a mão e disse que não era nada, mas aí ela começou a se remexer no lugar. Isso durou um tempinho até que, devagar, ela abriu a boca:

“V-Você não devia ficar viajando assim quando a gente tá conversando. Isso não é, hã, educado...”

O jeito como ela falou foi muito estranho. Era como se a voz dela tivesse perdido a força no meio do caminho, até sumir completamente no fim.

Olhando mais de perto, percebi que o rosto dela começava a ficar vermelho. Ela quase parecia uma daquelas lanternas de papel. Pouco a pouco, aquele tom avermelhado foi se espalhando por toda a face dela, até chegar a um ponto em que parecia que, se eu beliscasse suas bochechas, um pouco da cor ia até sair.

“Ahaha. Eu gosto desse seu lado, Adachi. Sempre me diverte ver isso.”

“Hã? Que lado? O que você quer dizer?”

“O lado que tenta desesperadamente fazer uma piada. Você fica totalmente adorável.”

Mesmo ali, naquela penumbra leve do espaço coberto, dava pra ver suas bochechas ficando cada vez mais vermelhas conforme eu falava. Ela realmente era fácil de ler. Cada parte dela era. Tão direta e transparente, sem curvas ou desvios.

“Eu não tô desesperada nem nada...”

“Ah? Não tá? Então vamos ouvir, vai.”

“Tô esperando”, disse rindo. Isso fez a Adachi soltar um gemido baixinho. Era como se ela tivesse ido longe demais e agora percebesse que não tinha mais como recuar.

E o jeitinho dela fazendo isso também era adorável.

“Ei, Adachi. Sua nota em inglês é melhor que a minha, né?”

Bom, para falar a verdade, ela me superava na maioria das matérias. *Mandou bem, Adachi.*

Ou talvez eu devesse dizer... *Mandei mal, eu.*

“Talvez... mas eu ainda acho que você é a mais inteligente,” ela murmurou, enquanto os olhos dela se moviam de um lado para o outro, inquietos.

“Não, não. Isso não é verdade.”

Sorrindo, dei um tapinha no ombro dela. Ao fazer isso, percebi na prática a diferença de altura entre nós.

“Vou deixar toda a parte de falar inglês com você.”

“C-Certo. Eu vou dar o meu melhor.”

Enquanto eu estava claramente brincando, Adachi parecia levar aquilo bem a sério.

“Hmm? Não vai sugerir que a gente estude juntas?”

“Ah, é. Verdade. Isso parece melhor.”

Depois de dizer isso, Adachi puxou minha mão — que ela ainda estava segurando. Era como se estivesse dizendo que a gente devia estudar ali mesmo, naquele momento.

“Hmm... Bem, tanto faz. Acho que não me importo.”

Adquirir conhecimento era sempre algo bom, pelo menos achava. E sendo algo bom, eu queria fazer.

Ousaria dizer que essa conversa entre nós tinha sido produtiva.

“Bom, acho que tá na hora de eu ir pra casa.”

“Certo.”

“...Certo.”

Levantei minha mão, que ainda estava sendo segurada por ela. Ela era como uma âncora — uma âncora que me impedia de zarpar rumo à minha casa.

“Vai me soltar?”

“Ah, err...”

Nesse instante, Adachi travou. Era como se algo estivesse preso em sua garganta. Talvez fosse só impressão minha, mas eu juro que o braço dela até fez um rangido.

“Umm...”

A testa dela se enrugou e suas mãos começaram a tremer. *O que estava acontecendo, afinal?* Confusa, inclinei levemente a cabeça para o lado, apenas para vê-la começar a soltar um a um os próprios dedos com a outra mão. Fiquei um pouco aflita na hora; não parecia que ela estava brincando.

“Seus dedos ficaram presos ou algo assim?”

“Parece que sim...”

O tom da resposta não era exatamente de quem estava se desculpando. Era mais como se ela estivesse apenas fazendo uma constatação. Se olhasse com atenção, dava até pra ver um leve sorriso no canto dos lábios. De modo geral, nada na expressão dela dava a entender que estava incomodada com a situação. Tinha gente em volta — claro, afinal a aula tinha acabado — mas Adachi não parecia se importar nem um pouco com isso.

De certo modo, eu também já estava meio acostumada.

Enfim, depois de alguns instantes, ela finalmente conseguiu soltar a mão.

“Bom, então.”

Agora que ela havia conseguido, acenei para ela e comecei a andar na direção de casa. Adachi acenou de volta, seguida de algo que eu não esperava:

"Gu... Gu bai!"

"Ah?"

Essa saudação em inglês me pegou totalmente desprevenida. Adachi parecia sentir um pouco do meu choque também, pois rapidamente virou-se e começou a correr com sua bicicleta.

Não pude deixar de soltar uma risadinha curta.

"Err... Habu a naisu dei... Eu acho? Algo assim?"

Também resolvi tentar mostrar um pouco do meu inglês para ela, embora, na realidade, provavelmente ela não pudesse me ouvir.

Uma conversa em inglês em alta velocidade. Isso foi o que tivemos.

Realmente, quão ambiciosa.

***

Nada de muito relevante aconteceu depois disso enquanto eu caminhava para casa.

Acabei ficando um pouco cansada após toda aquela coisa de decidir os grupos. Se realmente fosse assim que as coisas iam ser na viagem, não era difícil imaginar Adachi me pegando pela mão e nos arrastando para algum lugar, fazendo com que nos perdêssemos. *Seria necessário garantir que uma das*

outras três estivesse sempre entre nós enquanto andássemos pela cidade? Talvez.

Adachi meio que me fez de garoto de recados, então tinha isso também.

"Hmm..."

Não queria achar que isso fosse um grande incômodo. Eu realmente não queria. E ainda assim, era verdade que, assim como ela, também não sou a melhor em prestar atenção nas necessidades dos outros. Embora eu soubesse que fosse difícil se dar bem com todo mundo, ainda não podia deixar de desejar que Adachi fosse, nem que fosse só um pouco, mais cooperativa. Mas, pensando bem, o fato de ela não ser assim fazia parte do seu charme. O que a tornava interessante. Sua verdadeira natureza.

Enfim.

Eu me dava bem com a Adachi, e isso era o que importava. Isso era tudo o que importava.

Além disso, eu não era o garoto de recados dela, eu era a garota de recados... uma pequena correção, mas achei que valia a pena dizer.

Podia sentir o mundo ao meu redor se distorcendo enquanto eu estava lá, jogada sobre a mesa.

Se eu não tivesse nada para fazer, então talvez fosse melhor dormir. Era o que eu pensava. Para mim, dormir era o meu estado natural.

Levantar e sair correndo animada, isso me parecia muito mais antinatural. *As outras pessoas não eram assim, certo?*

Pouco a pouco, meus olhos e minha mente começaram a se fechar.

Hmm... E a Adachi? Será que ela era parecida comigo nesse sentido? Num instante, novamente, minha mente se desviou para ela.

Quanto mais eu pensava sobre isso, sobre ela, mais claro ficava para mim que ela realmente me amava.

Vamos supor que existisse um interruptor que fizesse eu e a Adachi as únicas duas pessoas no planeta, e ainda nos desse comida e tudo o que precisássemos para viver. De qualquer forma, se fosse dado a ela a escolha, eu tinha a sensação de que ela provavelmente apertaria esse interruptor. Embora ela não pudesse viver sozinha, enquanto eu estivesse lá com ela, provavelmente conseguiria superar qualquer obstáculo. Isso, por si só, era um grande sinal de força. Realmente era.

Quanto a mim, não achava que teria muita dificuldade em viver sozinha. Pelo contrário, só existir nós duas, de alguma forma, me parecia muito difícil. Eu sobreviveria, claro, mas será que sentiria que estava realmente vivendo? Provavelmente não.

Isso tudo para dizer que eu precisava de pessoas. E não apenas três, quatro ou cinco, mas um monte delas.

Se realmente existisse um interruptor para fazer a humanidade se extinguir, eu duvido que conseguiria apertá-lo.

Esses foram os pensamentos que passaram pela minha cabeça enquanto eu observava a minha irmã e a Yashiro comendo bananas.

***

A sombra azul estava vindo em minha direção, vinda da escuridão.

Quem seria? Eu me perguntei. Não sentia medo. Não havia nenhuma sensação de hostilidade na sombra.

Ela simplesmente continuava se movendo, como se estivesse se contorcendo.

Eu estava prestes a focar os olhos para tentar descobrir quem era, quando de repente, a sombra desapareceu.

O som ordenado, porém ligeiramente agudo, que apareceu em seu lugar, me fez levantar os ombros e as sobrancelhas.

Meu corpo estava quente e pesado ao mesmo tempo, quase como se tivesse acabado de beber um copo de água morna. A sensação era parecida com o que sentimos ao acordar de uma soneca rápida, quando você não consegue distinguir se o que está vendo é sonho ou realidade. Da mesma forma, minha garganta também sentia como se um grande volume de calor tivesse passado por ela. Embora "cansada" não fosse exatamente a palavra que eu usaria para me descrever, eu definitivamente me sentia um pouco sem energia.

Parece que eu tinha adormecido enquanto estava caída sobre a mesa da sala. O som que me acordou foi o do meu celular tocando na minha bolsa. *Quem seria?* Estiquei o corpo e alcancei a bolsa. Depois de algumas tentativas frustradas — e muita dor nos músculos abdominais — finalmente consegui pegar o celular.

Virando a bolsa, eu a abri. A imagem que veio à minha mente foi a de um ursinho de pelúcia de lontra segurando uma concha. Embora eu lembrasse claramente dos meus pais tendo me comprado um desses em um aquário que visitamos uma vez, ele não estava em meu quarto. *Onde teria ido parar?* Até fiquei com vontade de procurar por ele agora. Ah, mas antes disso, eu deveria olhar meu celular.

Para minha surpresa, a pessoa que estava me ligando não era a Adachi.

"Ah, Taru-chan."

Eu ainda não havia atendido a ligação. Demorei cerca de cinco segundos para fazer isso, enquanto minhas pernas tremiam, quase como se fossem as de um inseto virado de cabeça para baixo. Era como se uma parte de mim estivesse tentando fugir.

Quando finalmente atendi, pude ouvir a voz da Tarumi imediatamente.

"Opa."

"Oi."

Ela sempre começava com um "opa", não é? Eu diria que isso combinava bem mais com a personalidade dela do que um simples "olá!" ou "como vai?". Bem, não que eu conhecesse alguém que realmente dissesse "como vai?" ao telefone.

A Hino era a mais próxima, já que ela era uma jovem educada e tal, mas até ela geralmente começava com algo mais como "e aí!" ou algo do tipo.

"Tudo bem?"

"Eu só estava tirando uma soneca, mas sim."

Consegui ouvir Tarumi soltar uma risada curta.

"Você realmente gosta de dormir, né, Shima-chan?"

"Talvez. Mas, se for pra ser honesta, acho que eu só caio no sono do nada o tempo todo."

“É um mistério”, adicionei como uma piada, só para Tarumi dizer o seguinte:

"Não tem nada de errado com isso."

"Ah, err... Você acha?"

De algum modo, eu não conseguia deixar de sentir que ela — e todos os outros — estavam sendo doces demais comigo.

"O fato de acontecer naturalmente é o que eu acho... acho que é importante? Ótimo? Algo assim. Talvez."

Que opinião surpreendentemente sincera vindo dela. Embora ela tenha vacilado um pouco ao se expressar, havia certamente um fundo de verdade no que ela disse.

Uma parte de mim também sentia que ela estava se referindo a outra coisa completamente diferente.

"Desculpa. Meu vocabulário não é tão amplo."

"Não, não. Eu não me importo."

Eu entendi a essência, e isso era o que importava. Se ela tivesse se esforçado para ser mais clara, provavelmente teria acabado exagerando as coisas.

Eu pessoalmente achava que as emoções deveriam ser moldadas como círculos, e não como retângulos.

"Falando nisso, minha turma vai fazer uma viagem escolar em alguns dias."

"Sério? A minha também."

"Você também, Shima-chan? Huh."

"Sim. Pra onde vocês vão?"

"Tóquio."

"Ah, sério? Você vai mesmo?" perguntei de volta, tentando imitar o sotaque de Tóquio o melhor que pude.

"Sim, mas não onde falam assim", Tarumi respondeu, tentando também imitar um sotaque parecido. Não pude deixar de sentir que nós duas estávamos um pouco fora de ritmo. "E você, Shima-chan?"

"Kitakyushu."

"Fica em Fukuoka, né?"

"Isso. Também vamos visitar Nagasaki e acho que... Kumamoto? É, acho que é isso."

Tive que lembrar do guia do cronograma que nos deram na escola. De acordo com ele, uma das nossas noites também seria passada em uma fonte termal.

Será que o ar lá vai cheirar a enxofre? Provavelmente.

"Você vai de avião?"

"Vou."

"Vou rezar para não cair."

"Valeu."

Depois de fazer uma breve oração, Tarumi ficou em silêncio. Durou alguns momentos até ser quebrado — por ela.

"Err..."

"Sim?"

"Quando voltarmos das nossas viagens, será que poderíamos... nos ver de novo?"

Parece que essa era a razão pela qual ela tinha me ligado. Pensando bem, percebi que realmente já fazia um tempo desde que nos encontramos.

Eu estava prestes a dizer algo. Dizer a ela que eu não podia. Afinal, trair não era uma coisa boa de se fazer.

No entanto, bem quando esse pensamento passou pela minha cabeça, senti alguém puxar minha manga.

Era como se eu estivesse amarrada no fundo de um lago, incapaz de alcançar a superfície.

Não seria uma coisa boa de se fazer, não é? Não, provavelmente não seria.

E ainda assim, não era o caso de que eu simplesmente pudesse jogar tudo fora, cortar todos os meus laços.

Foi por isso que dei a resposta que dei.

"Claro."

Nada de "sim, realmente faz tempo". Nada de "vou pensar sobre".

Essas eram respostas tão covardes, tão sem compromisso.

Alguns momentos a mais de silêncio constrangedor depois, terminei a chamada. A julgar pelo que foi exibido depois na tela, eu só devo ter cochilado por uns minutinhos.

Coloquei o dispositivo sobre a mesa e olhei ao redor.

A primeira pessoa que encontrei foi Yashiro, que estava assistindo TV de bruços, com a maior parte de seu corpinho minúsculo enterrado sob as almofadas amarelas. O programa que estava passando era sobre uma padaria local, e cada vez que mostravam um doce na tela, a garota podia ser vista batendo as pernas para cima e para baixo de alegria. Olhando com mais atenção, percebi que a banana que ela estava comendo antes agora havia se transformado em uma pilha de casca, que estava sobre a mesa. Quanto à minha irmã, ela estava ocupada observando como os peixes no aquário estavam. *Ela realmente gostava de cuidar dos outros, não?* Mesmo com a Yashiro, sempre agia como se fosse a mais velha das duas. Observando as duas, mais uma vez me vi descansando a bochecha na mesa.

"Ahh..."

Tive a sensação de que bolhas flutuavam da minha boca.

Será que a Adachi toleraria eu me encontrar com a Tarumi? De alguma forma, eu tinha a impressão de que ela não aceitaria; havia uma chance de que ela simplesmente explodisse se eu contasse sobre isso. Dito isso, me sentia um pouco culpada pensando em nos encontrarmos pelas costas dela. Embora eu não achasse que estava fazendo algo especialmente cruel ou errado, para a Adachi, ela poderia ver de maneira diferente. Ela só precisava de um amigo — um amante.

Talvez ela me amasse demais.

Mas eu não me importava muito com isso.

"O amor realmente é pesado..."

O amor da Adachi era uma âncora — uma âncora que me prendia no mar que era ela.

Entre pedir às pessoas o que você não possuía e exigir delas também o que você já tinha, qual seria a coisa certa a fazer?

Qual seria mais sincero, mais puro, mais normal?

Será que a Tarumi e eu acabaríamos nos desentendendo de novo? Talvez. Embora tivéssemos superado um grande obstáculo, outros sempre surgiam. Logo, as ondas nos puxariam novamente e nos afastariam.

A vida humana realmente era cheia de dificuldades de todos os tipos. Embora eu tivesse superado muitas delas para chegar onde estava, eu tinha que admitir, não havia avançado muito, não é? Mesmo agora, eu estava constantemente preocupada com o que deveria estar fazendo.

As respostas estavam mais ou menos claras para mim. O que eu não sabia direito era como chegar até elas — quais passos dar e em que ordem.

Para alguém como eu, que não conseguia ver nem dez segundos à frente, a ideia de ir a São Francisco daqui a dez anos era algo que eu não conseguia sequer imaginar.

"Hmm, sim..."

Eu precisava de muito mais prática antes de começar a falar sobre a Adachi.

***

Naquela noite, me vi vasculhando meu quarto em busca do ursinho de pelúcia de lontra.

Ignorando as reclamações da minha irmã, abri todas as gavetas, uma a uma.

Mas nunca consegui encontrar o ursinho de pelúcia.

***

Eu quase não me lembrava das viagens escolares anteriores. Quase nada delas permanecia em minha mente, a ponto de mal ser justo chamá-las de lembranças. O mesmo acontecia com a maioria das minhas outras viagens; eu mal conseguia lembrar de qualquer uma delas. As únicas duas coisas que eu carregava comigo eram o peso do meu próprio corpo e o leve cintilar do presente.

Minha cabeça estava cheia de flores desabrochando já fazia quase um dia inteiro. Seu aroma era tão intenso que, a cada vez que eu respirava, me sentia engasgar um pouco. Algumas flores eram vermelhas, outras amarelas. Havia algumas outras cores misturadas a elas também, todas caindo no lado quente das coisas. Eu sentia o tempo passar muito mais rápido do que o normal. Era quase como se essa mistura de aromas e cores tivesse encantado minha mente e a levado a funcionar em ritmo acelerado.

Não era a estação para isso, e ainda assim, havia flores por todo lado.

Fiquei confusa por um bom tempo. Era como se eu não soubesse antes quão bonitas as flores eram, quão forte era o aroma que elas exalavam. Só quando parei por um momento para admirá-las percebi sua beleza, o efeito calmante que tinham sobre meu coração e minha alma.

Pouco a pouco, foi começando a cair a ficha: *Isso era felicidade.*

Eu estava indo para algum lugar com a Shimamura. Só de pensar nisso, minha mente derretia. Embora eu não soubesse como seria, nem aonde isso tudo iria me levar, já me pegava ansiosa de excitação; se eu olhasse no espelho agora, sem dúvida estaria com um sorriso absolutamente horrível no rosto.

E ainda assim, havia partes que eu não achava tão boas assim.

Se fosse possível, eu realmente teria preferido que fosse só nós duas. Ainda mais porque esta era nossa primeira viagem juntas.

Continuei indo para o trabalho, enquanto me atormentava com esses pensamentos. Passei por um supermercado e, bem ali, notei uma pessoa sentada que eu tinha certeza de já ter visto em algum lugar antes. Ela estava com uma cadeira preparada, uma mesa com uma bola de cristal em cima e... *Ah. Era aquela vidente.* Ela havia montado sua barraca bem em frente à área de estacionamento. Embora eu duvidasse seriamente de que ela tivesse obtido a licença necessária para operar ali, não havia nada em sua aparência que a fizesse parecer especialmente tímida. Era como se ela simplesmente não se importasse.

Nossos olhares se cruzaram no momento em que eu estava em choque, o que fez a mulher se levantar e acenar para mim.

"Ei, minha amiga! Minha amiga!"

Errado: eu não era amiga dela. Rapidamente desviei o olhar e comecei a pedalar para longe, mas ela de algum jeito deu a volta e bloqueou meu caminho.

Como ela foi mais rápida que uma bicicleta? Impressionante, eu diria.

"O quê?"

Só agora, quando ela estava em pé na minha frente, percebi que a mulher era consideravelmente mais baixa do que eu.

"Você veio de novo, minha amiga."

"Não, não vim. E também, não sou sua amiga."

"Por aqui, por aqui."

Completamente ignorando o que eu estava tentando lhe dizer, ela me arrastou pelo braço e me fez sentar na frente da mesa que ela havia montado. Por um momento, pensei em usar o fato de que eu tinha que ir trabalhar como desculpa para sair dali — mesmo que, na realidade, eu ainda tivesse bastante tempo. No entanto, a mulher não parava de falar, e eu comecei a achar que, se eu a forçasse a parar, ela iria exigir que eu pagasse algo. Em resumo, eu não tinha escolha a não ser ficar e escutar.

Embora o local fosse diferente de antes, ela ainda tinha todos os enfeites que havia usado anteriormente, incluindo a velha bola de cristal.

Será que operar uma barraca de comida não seria uma maneira mais divertida de ganhar dinheiro? Acho que não.

"Então..."

Após se sentar de volta, a mulher começou a passar as mãos pela superfície da bola de cristal.

"As coisas estão indo bem com sua namorada?"

Direta ao ponto, assim como da última vez. *Namorada.* Ela falou isso como se fosse a coisa mais natural do mundo. Minhas pernas ficaram mexendo nervosamente embaixo da cadeira.

Embora fosse um pouco embaraçoso, havia algo na maneira como ela usava esse termo que me deixava muito satisfeita. Era isso que a Shimamura era — minha namorada.

A suave brisa de outono continuava acariciando minhas bochechas.

"Está... tudo bem."

"Ah, entendi, entendi. Vai tudo bem, então?"

"S-Sim."

"Algum problema?"

"Não."

Completei a frase com um discreto soco no ar, como uma comemoração silenciosa.

"Alguma insatisfação, então? Qualquer coisa?"

A mulher simplesmente não parava. Era como se ela estivesse tentando cavar mais fundo.

"Vou acabar ficando mais preocupada se você continuar perguntando."

"Viva. As pessoas se preocupando é o que me traz clientes."

Esse era um tipo de negócio que eu não curtia. Mas, pensando bem, acho que isso era só a maneira dela de ser.

Ou talvez não; não diria que eu a desagradei. Pelo jeito alegre de falar e os gestos dela, a expressão no rosto dela se mantinha quase sempre igual.

"Tem certeza de que não tem nada na sua mente te incomodando? Nada mesmo?"

Parece que ela não ia aceitar um *não* como resposta. Se eu quisesse sair dali, ia precisar dizer sim. Era essa a impressão que eu tinha.

Realmente, que pessoa incômoda de se conhecer.

Acabei contando a ela a primeira coisa que parecia um problema em minha mente.

"Hmm... Bem, acho que vamos para uma viagem escolar em breve."

"Ah? Sério? Gostei de ouvir."

A mulher então começou a arregaçar as mangas. Era como se estivesse dizendo "finalmente".

"Você pode usar suas habilidades ou o que for e me dizer como devo me preparar?"

"Claro. Deixe comigo."

Depois de dizer isso, a mulher colocou a mão na sua bola de cristal — o objeto que, estranhamente, ainda não havia sido muito usado até então.

A menor expressão de irritação apareceu no rosto dela.

"Enmya-hora~."

Não foi erro de escrita. Eu não escrevi letras aleatórias porque tive dificuldade em ouvi-la. Não, foi realmente isso que ela recitou. Era quase como se ela estivesse cantando com a garganta ou algo assim. Primeiro ela era uma cozinheira de takoyaki, e agora isso. Ela era uma pessoa bem versátil, essa vidente.

"Está chegando. Eu sinto que está chegando."

"O quê está chegando?"

"Tenha cuidado pra não perder nada. Sua cor da sorte é azul."

Não pude deixar de sentir que já tinha ouvido exatamente isso antes.

"Tá bom. Isso vai custar 3000 ienes", a mulher disse, estendendo a mão em minha direção.

(Nota: 3000 JPY = 118,28 BRL - 25/04/2025)

"Que caro."

"Vem com um serviço de qualidade."

"Eu quis dizer que está mais caro do que antes."

"Isso porque eu te dei um desconto na primeira vez."

"Eu não estou com a carteira."

"Bem, nesse caso, vou começar a te chamar de Sazae-san de agora em diante."

"Err... Tá bom? Não me importo."

Se isso significava que eu não precisaria lhe dar dinheiro, então, honestamente, era um preço bem barato a pagar.

"De qualquer forma, espero que aproveite a viagem."

"Certo. Ah, mas como é uma viagem escolar, não vai ser só nós duas. Vai ter muito mais gente. Eu realmente gostaria que não tivesse..."

Era tarde demais para estar preocupada com isso, mas, ainda assim, não pude evitar.

"Hmm... Não pode simplesmente ir a algum lugar sozinha em uma data futura?"

"Bem, sim, mas esta é nossa primeira viagem juntas. Eu queria que fosse só com ela..."

Isso definitivamente teria sido mais preferível do que ter outras pessoas por perto. E não eram quaisquer pessoas, mas aquelas da nossa escola.

Era o tipo de ambiente onde eu sabia que seria totalmente impossível me concentrar em qualquer coisa.

Por que isso era ruim? Porque eu sabia que isso ia estragar completamente minhas memórias com ela, as recordações do tempo que passamos juntas. Você sempre tende a lembrar das coisas mais claramente quando acontecem pela primeira vez. A impressão deixada pela experiência inicial fica gravada em sua mente, repetidamente, influenciando você. Substituí-la por outra coisa não era tarefa fácil; era necessário tanto tempo quanto experiência para fazer isso.

Tudo isso para dizer que o primeiro momento importava.

Para mim, esse momento deveria ser com a Shimamura.

Era assim que eu via as coisas.

"Entendi, entendi", a mulher assentiu com a cabeça. Então se virou para murmurar algo para si mesma: "Que garota problemática você é..."

Embora eu não tenha ouvido exatamente o que ela disse, de alguma forma tive a sensação de que ela estava falando mal de mim.

"Bem, então que tal você ir a algum lugar com ela antes da viagem escolar? Não funcionaria?"

O jeito como ela falou isso quase me fez sentir que estava ficando irritada comigo.

"Ah..."

Embora fosse uma sugestão bem simples, ela conseguiu ter um impacto bem grande em mim. Isso não durou muito, porém, logo meu pensamento foi dominado por sentimentos de decepção.

"Mais cedo, eu tentei sugerir isso para ela. Eu disse que deveríamos ir a algum lugar. Mas, ela rejeitou..."

"Hmm. E como você fez essa sugestão?"

"Eu disse *vamos agora*..."

"E ela te rejeitou, é? Hmm..."

Ela fechou os olhos, soltou um suspiro profundo e então esboçou um sorriso.

"Claro que isso vai acontecer se você chamar alguém para sair em um dia de semana. Sugiro que tente novamente no sábado. É importante estar atenta às necessidades da outra pessoa, entende?"

"Ah..."

Ela estava completamente certa; eu tinha me distraído tanto que esqueci que tínhamos aula. Sendo a boa aluna que Shimamura era, ela nunca teria concordado em vir comigo. Ficar tão nervosa e agir sem pensar realmente era um mau hábito meu.

"Não há necessidade de pressa, desde que você planeje seus passos com antecedência. Os humanos são incríveis assim. Por exemplo, leva apenas dez horas para ir de Tóquio a São Francisco."

Por que ela mencionou especificamente São Francisco? Eu não fazia ideia. Era quase como se tivesse lido minha mente.

"Vá, garota!" ela então gritou, levantando o punho no ar. Em seguida, abaixou a mão e estendeu-a para mim — com a palma virada para cima. "Isso vai ser 3000 ienes."

"De novo, eu não estou com a carteira."

“Não posso te dar o que não tenho”, adicionei enquanto me levantava. Isso fez com que a mulher me acenasse com um tchau:

"Tchau, tchau, Sazae-san."

Não me chame assim. Ignorando-a, me virei e fui embora.

***

Apesar de sua aparência suspeita, o conselho que a cartomante me deu certamente merecia ser considerado.

Certo.

Era exatamente isso o que eu deveria fazer.

Depois disso, eu poderia me acalmar e aproveitar a viagem escolar por completo.

Continuei assentindo satisfeita enquanto estava sentada na minha cama. *Agora, deveria perguntar a ela imediatamente? Ou talvez um pouco mais tarde?* Com a mão pairando sobre o meu telefone, pensei nas minhas opções. *A Shimamura não ia achar que seria um incômodo, ia?*

Bem, eu pergunto isso, mas considerando o tempo que eu levaria para explicar completamente a situação e por que eu queria — precisava — ir a algum lugar com ela neste fim de semana, tinha a sensação de que ela definitivamente aceitaria ir.

Eu tinha que ser breve. *Mas, nesse caso, o que eu diria se ela perguntasse o porquê? Qual desculpa eu daria?* Senti minha mente ficando cada vez mais confusa.

Primeiro de tudo, eu precisava me acalmar e organizar meus pensamentos.

Pensando bem, nunca consegui ficar calma perto dela, né? Existiu um ponto no tempo — um divisor, por assim dizer — a partir do qual aquilo passou a ser minha vida. Uma boa maneira de simbolizar isso, eu pensei, seria dizer que flores começaram a florescer no meu coração.

No fim das contas, acabei enviando uma mensagem sem pensar.

"*Podemos conversar pelo telefone?*"

Talvez eu devesse ter perguntado por mensagem. Talvez fosse mais fácil. Infelizmente, só pensei nisso depois.

Ao mesmo tempo, eu queria ouvir a voz da Shimamura, então, considerei que não era a pior coisa do mundo.

Alguns momentos se passaram, e então recebi uma resposta — não em forma de mensagem, mas com a Shimamura me ligando. Não perdi tempo e atendi imediatamente.

"Sim? O que foi?"

Ela me cumprimentou do mesmo jeito que sempre fazia. Imediatamente, senti meu corpo relaxar.

Era como se eu tivesse escalado uma parede enorme, atrás da qual encontrei uma paisagem que me lembrava minha casa.

Realmente, Shimamura era o lugar ao qual eu pertencia.

A doce fragrância das flores tomou conta do meu nariz.

"Err, eu estava pensando..."

"Pode falar."

"Você gostaria de ir a algum lugar neste sábado?"

***

"Lembrancinhas. Quero as melhores lembrancinhas."

"Só se você se comportar, tudo bem?"

Era a manhã da viagem escolar. Eu estava colocando o meu sapato enquanto minha irmã — que ainda estava de pijama — me dava um tchau.

Ela ainda não havia prendido o cabelo, e apesar disso, ele já estava apontando para cima nas pontas. Só mostrava o quanto ela era uma dorminhoca agitada, sempre se mexendo para lá e para cá.

"Eu sei que você vai ficar sozinha sem mim, mas tenta não chorar, tá?"

"Claro, vai sonhando. Toma isso!"

"Eek!"

Antes que eu pudesse reagir, ela me deu um chute na bunda.

"Ei!"

Eu a segurei pela têmpora e fiz com que batesse as pernas por um tempinho antes de finalmente soltá-la.

Para falar a verdade, isso meio que me acordou um pouco.

"Ah, falando nisso. A Yachi sumiu do nada", minha irmã comentou, ainda esfregando a área ao lado do olho.

"Eu acho que vi ela na cozinha agora pouco. Tenta olhar lá."

"Sim, ela sempre fica por lá..."

É o que acontece quando você alimenta alguém tão descuidadamente. Espera... Não fui eu quem começou isso? Deixa pra lá.

Acenei para minha irmã e saí de casa. Lá fora, fui recebida por uma onda de ar quente, carregando o resquício do verão, que suavemente tocava o meu rosto.

As manhãs de outubro sempre se abriam num azul profundo. As nuvens no céu pareciam empilhadas em camadas, quase como se fossem pedaços finos arrancados de uma nuvem maior, e era isso, combinado com a paisagem ao meu redor, que me dizia que o outono havia chegado, mais pela cena do que pela temperatura. No começo, as casas do outro lado da rua estavam envoltas pela sombra, mas à medida que o sol subia, suas janelas começavam a brilhar.

Sentindo a luz nos olhos e o ar no nariz, uma onda de calor percorreu meu corpo.

Você pensaria que seria o dia perfeito para a Adachi vir me buscar, mas não; hoje era eu sozinha.

Eu estava acompanhada apenas pela paisagem estrelada.

Joguei minha mochila sobre o ombro.

"Vamos lá. Hora de ir", disse, quase como se alguém mais estivesse ali para me ouvir, e então comecei a caminhar em direção à escola.

Lá, minha namorada — minha namorada tão problemática — me esperava.

***

Um ônibus já estava estacionado em frente à escola quando cheguei. Ele nos levaria até a estação, e de lá pegaríamos um trem até o aeroporto — após uma

transferência rápida, é claro; nenhum trem ia diretamente ao aeroporto de onde morávamos.

Troquei um rápido olhar com o mascote sorridente pintado na lateral do ônibus e segui em direção às vozes animadas que ecoavam ali perto. Vários outros alunos já estavam lá e conversavam entre si. Dois deles eram Hino e Nagafuji.

"E aí, Machi", Hino me cumprimentou. Já tínhamos chegado a um ponto onde os apelidos mal tinham algo a ver com meu nome real.

"Bom dia, Shima."

O cumprimento de Nagafuji, por outro lado, soou surpreendentemente comum para ela. Depois disso, ela soltou um bocejo enorme antes de tirar os óculos.

"Não liga pra ela. Ela está cansada porque evitou arrumar a mala até o último momento e, como resultado, não teve tempo pra dormir."

"Hahaha..."

Eu ri, mas, na verdade, não estava em posição de falar qualquer coisa.

"A única razão pela qual não me atrasei foi porque dormi na sua casa. Hahaha."

Foi Nagafuji quem riu dessa vez, soando estranhamente orgulhosa de si mesma. Hino a encarou com os olhos semicerrados:

"É. Sem me pedir antes. Você simplesmente apareceu."

"E daí? Tem algum problema?"

“Muitos,” ela afirmou de forma direta, pulando a explicação em favor de simplesmente acenar com a mão no ar. Um olhar questionador ainda permanecia no rosto de Nagafuji.

Eu tinha que admitir, até que entendia o comportamento da Hino; fazia sentido a forma como minha mãe agia sempre que Adachi ia lá em casa, e eu tinha que supor que fosse o mesmo com ela.

“Mudando de assunto, você tem muita bagagem, Shima-Shima. Se empolgou enquanto fazia as malas?”

Dessa vez, ela adicionou um “Shima” extra.

“Na verdade, não. Eu estava só revisando as coisas para ver o que eu precisava, e antes que percebesse, já tinha...”

“Ah! A Adacchi chegou,” Hino interrompeu rapidamente. Eu me virei para olhar na direção que ela apontava, e, como esperado, a mochila da Adachi podia ser vista ali.

Não era surpresa, mas ela estava sozinha. Não havia mais ninguém perto dela.

“Valeu.”

“Nos falamos depois, Shima-Shima-Shima.”

Chega, garota.

Agradecendo Hino mais uma vez, deixei as duas e comecei a caminhar em direção à Adachi. Atrás de mim, eu podia ouvir Nagafuji ainda fazendo perguntas à Hino sobre o que ela queria dizer.

Me aproximei dela. Embora ela claramente tivesse me notado, não veio correndo até mim com um sorriso no rosto.

Veja bem, tivemos algum — como dizer — tipo de atrito entre nós.

Há apenas alguns dias, Adachi me ligou e sugeriu que fôssemos a algum lugar, só nós duas, antes da viagem escolar. *Por que ela fez isso? O que estava passando pela cabeça dela? Não consegui entender.* De qualquer forma, eu, é claro, disse não, e, como se podia ver pela maneira como ela estava fazendo beicinho agora, não gostou nada disso. O raciocínio dela era sempre impossível de entender por qualquer pessoa, exceto ela mesma, e dessa vez não foi diferente.

“Bom dia.”

Fazendo de conta que nada daquilo tinha acontecido, fui em frente e a cumprimentei.

“Hmmm…”

Adachi respondeu encolhendo os ombros levemente. Parecia que ela ainda estava de mau humor.

Não pude deixar de sorrir um pouco; *realmente, que criança mais problemática ela era.* Ela me lembrava minha irmã quando ficava de mau humor, embora, se ela fosse parecida com aquela garota, o problema se resolveria com o tempo.

Alguns momentos depois, a professora nos chamou e subimos no ônibus. Estávamos no mesmo grupo, mas, fora isso, éramos mais ou menos livres para sentar onde quiséssemos, e, como esperado, Adachi e eu acabamos sentadas lado a lado. Nossos assentos estavam posicionados de forma que ficamos logo acima de um dos pneus.

O ônibus começou a se mover, e rapidamente dei uma olhada nas pessoas sentadas do outro lado do corredor do meio. *Elas não estavam prestando atenção em nós, estavam? Não, não estavam.*

Ainda olhando para frente, estendi a mão e segurei a de Adachi.

Garanto que não era minha intenção encostar na coxa dela do jeito que fiz. Aconteceu, um acidente total.

Eu podia sentir a palma da Adachi se apertando um pouco. Aproveitando a sensação, disse a ela com um sorriso no rosto:

“Vamos aproveitar, tá? Não é todo dia que a gente tem a chance de viajar para algum lugar.”

Ainda éramos estudantes do ensino médio, afinal. Além disso, essa seria nossa última viagem escolar. Não haveria outra. Entre os dias intermináveis onde nada acontecia, essa experiência poderia ser algo realmente inesquecível.

Apesar de parecer que estava prendendo a respiração, Adachi eventualmente pegou minha mão de volta.

“Olha. Não precisamos fingir que nada aconteceu. Tudo o que estou pedindo é que a gente coloque aquilo na prateleira por agora. Quando a viagem acabar, você pode fazer beicinho, ficar chateada e brigar comigo o quanto quiser. Coinsegue fazer isso?”

Eu disse isso, mas ao mesmo tempo, passei tempo o suficiente com a Adachi para saber que ela não era das melhores em seguir em frente e deixar as coisas para trás. Nenhuma de nós duas era.

“Senão, então... Eu vou continuar sorrindo pra você até você se animar. É, isso é o que vou fazer.”

Me parecia a abordagem que funcionaria melhor com a Adachi. Ela parecia muito confusa, e ainda assim, sem dar muita atenção a isso, continuei sorrindo. Logo, suas bochechas ficaram vermelhas e seus olhos começaram a se mover inquietos — como eu esperava. Olhando para ela, não pude deixar de sorrir um pouco também; ela era muito fofa. Então, alguns momentos depois...

“Err... Desculpa.”

...Adachi acabou se desculpando com a cabeça baixa. Parecia que finalmente ela tinha percebido o quão infantil estava agindo.

“Hahaha. Tá tudo bem, tá tudo bem. A viagem mal começou.”

“Consegui chegar a tempo”, eu disse enquanto ria..

Minha resposta fez Adachi abaixar o olhar mais uma vez.

E assim, a viagem escolar teve seu início. Destino: Kitakyushu.

Lá, no início do outono, durante meu segundo ano no ensino médio, eu tocaria o céu pela primeira vez na vida.

***

Pra falar a verdade, eu nunca tinha ido a um aeroporto antes.

Devo ter parecido uma caipira completa, olhando ao redor sem parar enquanto seguíamos em direção ao nosso portão de embarque.

Eu estava tão incrivelmente nervosa, e fiquei mais ainda quando entramos no avião.

Alguns momentos se passaram enquanto eu me sentava em meu assento. No entanto, logo o som de um rugido preencheu meus ouvidos. *O que estava acontecendo? O avião não ia explodir, ia?* Me vi tomada por uma onda de ansiedade. O som era muito agudo, agudo o suficiente pra me fazer imaginar o

ar sendo cortado por uma lâmina extremamente afiada. Isso durou um tempo antes do avião começar a se mover.

Sua estrutura balançava de um lado para o outro, e minha cabeça ia junto.

A luz que entrava pelas janelas tremulava enquanto fazíamos a curva para alinhar com a pista. Meus gritos silenciosos foram completamente abafados pelos rugidos ensurdecedores que só aumentavam ao meu redor. O avião começou a acelerar e, no instante seguinte, me vi sendo pressionada com força contra o encosto do assento. Eu não conseguia me mexer. Era como se alguém estivesse me segurando no lugar. Depois de alguns segundos acelerando, o mundo ao meu redor inclinou-se para trás — e meu corpo também.

Tínhamos deixado o chão.

Eu estava sentada, confortável no meu assento, mas ao mesmo tempo, voando pelo espaço. A situação era tão surreal que não consegui evitar cerrar os dentes.

A paisagem do lado de fora parecia inclinada. Era como se o avião estivesse subindo por uma rampa invisível.

Minhas pernas balançavam para frente e para trás debaixo do assento.

O avião estava voando. *De verdade.* De algum modo, ele havia superado a gravidade e se libertado de suas correntes.

Bem quando minhas mãos começaram a suar, uma voz anunciou que estava tudo correndo bem. *Será mesmo? Será que dava pra confiar nessa voz?* Mais uma vez, olhei ao redor. O som constante e alto não me deixava em paz. Mal havia espaço para respirar, muito menos para me mexer. E isso era só o começo; eu podia facilmente listar uma dúzia de outras coisas que tornavam essa situação extremamente desconfortável. Continuei me remexendo até que, de repente, Adachi segurou minha mão. Era exatamente como no ônibus, só que dessa vez, nossos papéis estavam invertidos. E, enquanto eu tinha feito aquilo devagar e discretamente, ela não demonstrou nenhuma hesitação. *Será que esse era um daqueles momentos em que dava para ver claramente como pensávamos de formas diferentes? Acho que sim.* Pra ser sincera, aquilo parecia meio estranho — embora não de um jeito ruim. Eu estava mais impressionada do que qualquer outra coisa. Além disso, me perguntei: *o que será que ela conseguia perceber pelo suor na minha mão? Provavelmente, muita coisa.*

Quis dizer algo. Ia dizer. Mas, ao olhar para a Adachi, vendo o quanto ela parecia genuinamente contente só por estarmos de mãos dadas, fiquei com a impressão de que aquilo já era tudo que ela queria. Mesmo com os olhos voltados para longe de mim, eu sabia que ela estava sorrindo. Fechei a boca antes que qualquer palavra saísse.

Corrigi minha postura e voltei a olhar para frente.

Dessa vez, o que encheu meus ouvidos não foram os sons do avião, mas sim as batidas do meu coração.

Lá no céu, tão longe de tudo, nós demos as mãos.

A sensação que me invadiu ao pensar nisso era maravilhosa — quase como um arrepio, ou uma leve cócega por dentro.

***

Conforme nos aproximávamos do horário previsto de chegada, as ruas e montanhas de Kitakyushu começaram a surgir à vista. Mais uma vez, senti uma pontada de ansiedade, mas felizmente o avião conseguiu pousar sem nenhum problema. A primeira coisa que notei ao desembarcar e entrar no aeroporto foi que, por alguma razão, tudo parecia extremamente barulhento. Sentir a gravidade me puxando para baixo também me causou uma leve náusea. De fato, voar não era uma tarefa simples no nosso planeta.

Não pude deixar de admirar os pássaros. *Como eles conseguiam fazer aquilo?*

Seguimos caminhando pelo aeroporto juntas do restante do grupo. Enquanto andávamos, meus ouvidos se desobstruíram sozinhos. Isso deu espaço para ainda mais ruído invadir meus tímpanos. Os alunos logo à nossa frente estavam especialmente barulhentos. *Sério: escutar a conversa deles me deixava tonta.*

“Era bem mais aconchegante e leve quando eu tava voando no meu sonho...”

“Hmm?”

“N-nada não.”

Eu tinha me descuidado, baixando a guarda daquele jeito; conhecendo a Adachi, ela era do tipo que pegava até os resmungos mais baixos. *Espera... Eu me descuidei? Então, em outras palavras, eu não devia relaxar e me sentir à vontade ao falar com a minha namorada?* Isso com certeza soava errado. Mas, ao mesmo tempo, havia uma parte de mim que queria parecer legal diante dela. Eu queria receber o carinho dela. Para atingir esse objetivo, não me restava outra escolha a não ser ficar atenta. Hmm... Sentia meus ombros ficando mais rígidos quanto mais pensava nisso.

O amor, de fato, não era fácil.

Levamos um tempo até chegarmos ao saguão no andar de baixo. Lá, fomos novamente divididas em grupos e instruídas a aguardar mais orientações. Alguns alunos que precisavam ir ao banheiro deixaram suas coisas com os amigos e saíram correndo.

Nossa turma aparentemente não era a única indo para Kitakyushu; ao longe, consegui ver um grupo diferente de estudantes de outra escola, todos com uniformes verdes. Havia uma escola agrícola na nossa região cujos alunos usavam uniformes verdes, embora, pelo que me lembrava, o tom deles fosse um pouco mais escuro.

Mais uma vez, me peguei olhando inquieta ao redor. Tudo ali tinha mais ou menos a mesma aparência e o mesmo cheiro do que eu estava acostumada, o que era meio estranho, considerando o quanto nos afastamos geograficamente do meu ambiente habitual. O único idioma que eu ouvia era o japonês. Eu estava me sentindo com um pouco de calor, sim, mas isso era só porque havia muita gente ao redor; olhando lá fora, o tempo parecia bastante agradável.

Eu achava que viajar significaria encontrar algo ao menos um pouco diferente, mas não — tudo parecia praticamente igual. Não consegui evitar um leve sentimento de decepção.

"Você tá bem, Adachi? Quer ir ao banheiro?"

"Tô de boa", ela respondeu com um aceno. Logo em seguida, uma carranca surgiu em seu rosto: "Por que tá me tratando como uma criança?"

"Ah? Foi mal. Não era a intenção", respondi, enquanto ajustava a alça da minha mochila.

Squish.

...O quê?

Aquele som veio de dentro da mochila.

Num instante, meu corpo inteiro ficou coberto de suor frio.

"Shimamura?"

Dei alguns pulinhos no lugar, como se isso fosse ajudar.

Eu tinha minhas dúvidas, mas aquilo provava de vez: o grito abafado que veio em seguida — cheio mais de empolgação do que de perigo — vinha definitivamente de dentro da mochila.

A essa altura, até minhas bochechas já estavam começando a suar.

"Desculpa. Será que você pode me dar um segundo?"

Me afastei do resto do grupo para um lugar onde eles não pudessem me ver. No entanto, assim que fiz isso, percebi rapidamente que estava sendo seguida.

Me virei e vi Adachi logo atrás de mim, com a cabeça baixa. Do jeito que ela estava, parecia até um pintinho.

"Eu tava falando com você, Adachi. Pode esperar aí? Já volto."

"Mas... por quê?"

"Por favor. Vai ser rápido."

Dei uns tapinhas leves nela, aos quais ela respondeu empurrando a cabeça para frente. Era como se estivesse dizendo “mais”.

Tap, tap.

Dava pra ver pelo tremor no lábio inferior dela o quanto ela estava gostando daquilo.

"Tapinha..."

Minha mão começou a esquentar.

Isso era perigoso; conhecendo a Adachi, ela nunca mais ia parar de pedir.

Quando tirei a mão, ela ergueu os ombros lentamente. Então, como num reflexo, agarrou minha mão, como se estivesse pegando um inseto ou algo assim. Olhando diretamente nos olhos dela, me dei conta de forma bem nítida da diferença de altura entre nós.

Hmm… Era quase como se essa distância só tivesse aumentado ao longo do último ano.

"Ei, Adachi. Eu sempre escuto o que você quer e faço o que você pede. Seria legal se, de vez em quando, você fizesse o mesmo por mim."

Tentei falar da forma mais gentil possível. Mas, pensando bem, era óbvio o que eu estava fazendo: *apontando o quanto ela vinha sendo egoísta.*

Adachi parou de sorrir. Seu rosto ficou rígido, e ela empalideceu.

"Desculpa. Eu, err, eu não quis ser egoísta. É só que... me separar de você, dá uma sensação meio... sabe..."

De falar apressadamente a murmurar palavras desconexas. A forma como ela alternava entre diferentes tipos de reações era realmente intensa.

"Não, não. Acho que você tá entendendo errado. Não é nada tão sério assim. Nem de perto."

De verdade. Levantei a mão pra me soltar, me virei e comecei a andar. Dessa vez, Adachi não me seguiu. Ficou parada ali, me observando em silêncio enquanto eu me afastava. E quer saber? Eu não me importava nem um pouco com isso, com o fato de estar sendo observada por ela. Hmm... Dito isso, dava para imaginar bem fácil como isso podia acabar se tornando algo irritante bem rápido.

"Bom..."

Tendo chegado atrás da escada rolante, coloquei minha mochila no chão com cuidado, sempre checando se ninguém estava olhando na minha direção. Depois, abri o zíper.

O que surgiu de dentro foi um tufo de cabelo azul.

"....."

Era como se eu estivesse olhando pra um bichinho saindo da toca.

"Bom dia."

Por um lado, eu não conseguia acreditar que aquilo estava realmente acontecendo. Por outro, era como se eu já estivesse esperando por isso. Meus pensamentos contraditórios dançavam dentro de mim como grãos de areia soprados pelo vento, e eu sentia minha mente sendo puxada em duas direções diferentes. Enquanto tentava me recompor, Yashiro levantou a cabeça e começou a olhar em volta.

"Onde estamos?"

Soltei um suspiro. Ela é quem estava fazendo perguntas agora? Eu mesma tinha pelo menos um milhão delas que gostaria de fazer antes.

"Estamos no aeroporto. Em outro aeroporto, quero dizer. Não o da nossa cidade."

"Entendi, entendi."

Não, não entendeu; dava apra ver pela forma como ela balançava a cabeça que não fazia ideia do que eu estava falando.

"Enfim, primeiro de tudo: o que você tava fazendo dentro da minha mochila?"

Será que essa era mesmo a pergunta certa para começar? De qualquer forma, foi o que escolhi dizer.

"Então, veja bem", Yashiro começou a explicar, ainda enfiada dentro da mochila: "Quando eu fui te visitar hoje de manhã, vi a mochila ali largada."

"Certo, e...?"

"E aí, por acaso, eu entrei."

"Como assim, por acaso você entrou?"

"Depois que eu entrei, acabei dormindo."

"Isso também aconteceu *por acaso*?"

"Quando percebi, acordei aqui. Uhuuul!"

E, por algum motivo, ela decidiu encerrar sua explicação levantando os dois braços bem alto, como se estivesse comemorando algo.

Achei meio curioso o fato de que ela não havia sido flagrada quando as mochilas foram escaneadas. Mais do que isso, como ela tinha conseguido caber dentro da mochila? Ela nem era tão grande assim, e ainda por cima estava cheia das minhas coisas. Aquilo deixava de ser apenas estranho pra entrar direto no território do misterioso.

Fiquei com medo demais das implicações para pensar muito sobre o assunto, então decidi fingir que não tinha visto nada.

"Não dá pra eu pegar um avião de volta só pra te levar pra casa. E também não posso deixar você andando do meu lado... Hmm... Acho que o jeito é você voltar pra dentro da mochila mesmo."

"Oh? Por mim, tudo bem."

Foi meio esquisito o jeito calmo com que Yashiro aceitou minha sugestão — embora, pensando bem, também era esquisito eu ter feito essa sugestão em primeiro lugar.

"Mas ó: só pode botar a cabeça pra fora se eu disser que pode, entendeu?"

"Ah, sim. Não precisa se preocupar. Eu vou estar dormindo, veja bem. Hohoho."

Pelo jeito como ela riu, dava para ver que a Yashiro não estava nem um pouco preocupada com a situação.

Tão absurdamente despreocupada, essa garota. Eu estaria mentindo se dissesse que não sentia uma pontinha de inveja dela.

"Pode pensar em mim como a Nezuko."

"Posso botar um bambu na sua boca então?"

Curiosamente, eu nem tinha percebido peso extra nenhum enquanto carregava a mochila antes. Seguindo essa lógica, provavelmente não teria problema continuar carregando ela. Pelo menos fisicamente — porque, mentalmente, era impossível ignorar que havia uma pessoa ali dentro.

"E quanto à comida e tal? Tá tranquila nesse sentido?"

Eu precisava perguntar, só para garantir. Se ela acabasse desidratando e definhando dentro da mochila sem que eu percebesse, isso seria muito ruim.

"Eu vou ficar beeem."

"Ótimo."

"Mas... se puder arranjar uma frutinha pra mim, eu agradeceria."

"Tá, tá. Vou lembrar disso."

Se alguém acabasse encontrando ela ali, pensaria que eu era uma sequestradora de crianças ou algo do tipo? Provavelmente. E pior que isso: eu sinceramente duvidava que conseguiria me explicar de forma convincente uma situação dessas.

"Foi mal. Não achei que ia demorar tanto."

Assim que voltei, fui recebida pela Adachi correndo até mim. Era como se eu fosse um ímã que só atraía ela. Logo atrás vinham as outras integrantes do nosso grupo. Bom, "grupo" entre aspas, porque éramos três de um lado e duas do outro. Isso era, em grande parte, por causa da Adachi e do jeito como ela se comportava.

Mesmo me sentindo meio culpada por elas terem nos convidado com tanta boa vontade, considerando as relações entre a gente, o resultado era bem previsível. De fato, não tinha como as coisas terem corrido de forma menos natural. Por outro lado, olhando da perspectiva da Adachi, acho que isso era exatamente o que ela queria. Soltei um longo suspiro.

Eu sei que já falei isso antes, mas olhando ao redor do aeroporto, parecia mesmo que eu nunca tinha saído de casa. Do mesmo jeito que lá, o ar um pouco mais denso, com aquele toque de calor, continuava ressecando meu nariz. *Fico pensando... se estivéssemos de fato no exterior, será que a paisagem da cidade,*

somada ao clima, me daria uma sensação de estar em outro lugar — algo novo, diferente — ou será que tudo continuaria parecendo mais do mesmo?

Hino já havia vivido essa sensação, não? Sim, ela já tinha.

Tínhamos vivido o mesmo número de anos, passado o mesmo tempo neste mundo, e ainda assim, o abismo de experiências entre nós era imenso.

Bom, digo isso, mas as poucas experiências que tive foram extremamente valiosas para mim e não seriam algo que eu estaria disposta a trocar.

Fiquei ruminando esses pensamentos enquanto saíamos do aeroporto. O sol estava brilhando suavemente sobre mim, e devo dizer que não tinha nada de ruim naquela sensação. Por alguma razão, a luz do sol sempre trazia a sensação de que algo estava prestes a começar.

De qualquer forma, eventualmente subimos no ônibus e seguimos por um bom tempo longe do aeroporto. Acabei cochilando algumas vezes enquanto observava a paisagem pela janela, e como resultado, o que recordo da viagem são apenas fragmentos e pedaços. Se tem algo que os ônibus ganham de lavada das aeronaves, é o quanto é fácil dormir neles. Ao acordar, virei a cabeça lentamente e, ao fazer isso, me deparei com a Adachi olhando fixamente para o celular, com as costas curvadas.

Curiosa sobre o que chamou tanto a sua atenção, dei uma olhada rápida na tela do dispositivo, apenas para me deparar com uma imagem minha exibida ali.

Lá estava eu, encostada na janela do ônibus, com os olhos fechados.

Adachi havia tirado uma foto do meu rosto enquanto eu dormia e a definidocomo imagem de fundo no celular.

Minha reação imediata foi sorrir: *Realmente, eu parecia completamente indefesa*. Era meu próprio rosto, sim, mas enquanto estivesse acordada, jamais agiria com tamanha indiferença em relação ao mundo ao meu redor. Além disso, tenho que admitir, fiquei bastante aliviada ao perceber que não estava deixando baba escorrer pela minha bochecha.

Parece que eu tenho uma tendência a fazer isso. Pelo menos, era o que minha mãe sempre dizia.

"Engraçado. Não é todo dia que você tem a chance de ver como fica quando está dormindo."

Essa minha frase pegou Adachi completamente desprevenida, fazendo com que ela pulasse no banco. Embaraçada, ela rapidamente virou a cabeça para me encarar, o que fez seu cabelo balançar com grande velocidade.

A maneira como ela reagiu, junto com as gotinhas de suor que já se formavam em sua testa, tornou bem óbvio o quanto ela estava nervosa.

"Você tirou uma foto minha sem minha permissão, é?"

“Quando foi que eu disse que podia usar minha imagem?” Eu decidi adicionar isso como uma piada, ainda um pouco confusa com o que estava acontecendo.

Adachi virou a cabeça para o lado, afastando-se de mim. Isso fez com que seu cabelo desarrumado batesse contra o nariz e as bochechas dela, e, se eu tivesse que adivinhar, provavelmente doeu um pouco.

Era divertido observar sua reação de pânico. Continuei fazendo isso por um tempo, até que, finalmente, Adachi se entregou e abaixou a cabeça.

"Desculpa."

"Não, não. Tudo bem. Não ligo muito pra isso."

Eu estava mais curiosa do que qualquer coisa. *Meu rosto, enquanto eu dormia, realmente era adorável o suficiente para virar uma imagem de fundo? Hm... acho que para ela, sim.*

"Ei, quando você tirou a foto, o que estava pensando?"

Ela deve ter tido algo em mente ao querer guardar aquilo. Quanto a saber o que era esse algo, isso é o que eu queria descobrir. Era a impressão que eu tinha com a reação dela à minha pergunta. Realmente, considerando o quanto ela parecia relutante em me dar uma resposta, não pude deixar de imaginar se, talvez, ela estivesse pensando em algo embaraçoso, algo que preferiria não me contar. Isso só aumentou a minha curiosidade.

Me virei e olhei pela janela. Eu queria muito que ela respondesse antes do ônibus chegar ao destino.

Com os punhos fechados sobre os joelhos, Adachi sussurrou:

"Eu... achei que você estava muito bonita."

Não era só os lábios dela que tremiam enquanto falava; as pontas das orelhas também. Ela era bastante habilidosa para conseguir fazer isso.

"Bonita? Eu?"

Adachi respondeu balançando rapidamente a cabeça para cima e para baixo.

"Isso não é algo que eu ouço com frequência."

Bonita, por outro lado, era algo que a Tarumi sempre me dizia. *Tarumi...* me peguei pensando nela.

Ela havia feito questão de voltar para a minha vida, e, ainda assim, nossa relação estava se desintegrando rapidamente, como havia ocorrido antes.

Esse pensamento bagunçou tanto meu coração que tudo o que eu queria fazer era fechar os olhos e não pensar mais sobre isso.

"Eu acho que... isso é algo bom", Adachi murmurou baixinho. Fiquei extremamente confusa no começo: *em que exatamente ela baseava essa opinião?*

Embora eu obviamente não pudesse ver dentro da mente dela, depois de pensar um pouco mais, logo percebi o que ela provavelmente quis dizer.

"Qual parte?"

Ela estava feliz porque as pessoas não estavam me elogiando? Nunca soube que ela tinha esse lado tão perverso.

"Eu pensei que as pessoas poderiam estar sempre se aproximando de você..." ela continuou, com a cabeça baixa e os olhos embaçados.

Sim, era exatamente isso que eu tinha pensado. Mas... não significava que eu não era bonita, em vez disso? Que horrível.

"Ah, mas você é bonita! Eu estou falando sério! Eu acho que as pessoas não falarem isso pra você é, como posso dizer... Indelicado? Ou algo assim? Não é de uma forma ruim, mas..."

"Sim, sim. Tá tudo bem. Não precisa me encher de elogios."

Pessoalmente, eu achava que a Adachi era a mais bonita de nós duas. Ao mesmo tempo, se alguém dissesse isso para ela — alguém que não fosse eu — eu duvidava muito que isso a faria ficar feliz. E se esse alguém fosse eu? Bem, nesse caso, ela provavelmente ficaria super vermelha. *Hm, sim. Ela estava realmente apaixonada por mim.* Falando em ficar vermelha, eu podia sentir minhas próprias bochechas esquentando um pouco ao pensar nisso.

Ela estava apaixonada por mim, e foi esse amor que a fez tirar uma foto minha.

Hm... Uma foto, né?

"Eu quero tirar uma foto sua também. Você pode dormir um segundo?"

"O quê—?"

Apesar de parecer completamente surpresa com o meu pedido totalmente irracional, Adachi rapidamente fechou os olhos. Eu nem estava falando sério, mas ela fez isso mesmo assim. Que menina obediente ela era. Algumas rugas logo apareceram em sua testa, o que indicava que ela estava apertando os olhos com toda a força que podia. *Eu me perguntei, na cabeça dela, ela estava gritando para si mesma dormir? Provavelmente.* Se isso realmente funcionasse, seria até impressionante. Eu decidi continuar observando ela com o celular na mão.

Se ela conseguisse fazer isso, seu apelido definitivamente deveria ser *Miss Despreocupada*.

Alguns momentos se passaram, e então Adachi levantou a cabeça e abriu os olhos.

"Desculpa, não consigo. É impossível."

"Não brinca", respondi, dando um tapinha rápido em seu ombro. "Vou tirar uma sua sorrindo então."

"O quê—?"

A reação dela foi exatamente a mesma de antes. *Isso significava que sorrir era tão impossível para ela quanto dormir sob comando? Talvez.*

Levantei meu celular.

"Sorria, por favor."

"Err... Certo."

Um tipo de sorriso, se é que dava pra chamar assim, foi se formando aos poucos no rosto dela.

Os olhos dela estavam super estreitos, quase como se tivessem sido achatados. Quanto à boca, estava um pouco mais próxima, embora até ali, alguma hesitação pudesse ser vista. Fora isso, o nariz dela se movia de um lado para o outro, como se não soubesse para onde ir. Se ela também usasse as mãos para formar sinais de paz, isso teria feito da imagem algo seriamente assustador. O jeito que ela sorria, era simplesmente um nível de habilidade muito alto para mim.

Será que isso era realmente o melhor que ela conseguia? Essa dúvida aparentemente apareceu no meu rosto, pois logo gotas de suor começaram a aparecer em sua testa.

"Meio que parece que você está sendo forçada a sorrir", comentei. *Bem, eu acho que isso era tecnicamente o que estava acontecendo, mas enfim.* "Você não é muito boa nisso, né?"

Não quando eu estava olhando, pelo menos; havia muitos outros momentos em que eu a pegava de surpresa com um grande sorriso no rosto. *Ah, ela sempre ficava tão fofa quando isso acontecia.* Enfim, logo depois, o lábio inferior da Adachi começou a tremer. Parecia que ela tinha levado minha crítica a sério e estava se esforçando ao máximo para ajustar sua expressão. Isso foi seguido por ela fechando os olhos, fazendo com que perdesse qualquer coerência que tinha. Embora a expressão resultante não fosse exatamente o que eu chamaria de sorriso, ainda achei bastante interessante. O que eu gostei particularmente foi o senso de positividade que ela transmitia; tanto sua boca quanto seu queixo estavam apontando para cima, quase como se estivessem voltados para o futuro. Eu fui em frente e tirei uma foto. O som da câmera fechando fez Adachi abrir os olhos nervosamente.

"Eu... estava sorrindo?"

"Não, não exatamente."

Eu, por outro lado, estava definitivamente sorrindo. O rosto dela ficou vermelho, e Adachi inclinou a cabeça para o lado.

"Como ficou?"

"Hmm, vamos ver."

Eu cliquei na foto e a abri. O que apareceu na tela do dispositivo foi Adachi exatamente como eu a tinha visto. Sério, as câmeras de hoje em dia são tão boas. Era meio inacreditável. Se eu fosse colocar essa foto como minha imagem

de fundo mais tarde, isso significaria que ambas teríamos uma foto da outra na tela.

Como namoradas.

"Err, Shimamura."

"Sim?"

Eu guardei meu celular, mas Adachi ainda estava ali. O rosto dela também estava igualmente vermelho.

"Eu sei que não sou boa em sorrir. Mas, quando estou com você, eu realmente fico feliz. Isso é verdade, mesmo que às vezes meu coração comece a bater super rápido e eu fique toda envergonhada. Eu, err... Espero que um dia eu consiga transmitir esses sentimentos pra você."

Tanto seus olhos quanto sua boca tremiam enquanto ela dizia isso. Ela não só estava tropeçando nas próprias palavras, como essa declaração dela basicamente não tinha nada a ver com o que tinha acontecido antes. Ela estava realmente se abrindo para mim — era sua alma nua que ela estava me mostrando.

Parece que a temperatura dentro do ônibus subiu alguns graus, e eu tinha que imaginar que o que Adachi disse teve algo a ver com isso. Decidi aceitar suas palavras de frente, sem reagir.

O que aconteceria se outra pessoa a tivesse ouvido? O que pensariam de nós? Para mim, esse foi um dos primeiros lugares onde minha mente foi, enquanto para Adachi, provavelmente nem havia passado pela cabeça dela.

"Er... Obrigada."

Eu podia sentir um leve rubor aparecendo no meu rosto. Da mesma forma, as bochechas da Adachi também estavam ainda bem vermelhas e sem sinais de voltar ao normal.

Provavelmente seria muito mais fácil e prazeroso se eu seguisse o exemplo dela e fechasse os olhos para certas coisas — muitas coisas.

***

Será que alguma vez eu já tinha estado sobre o mar? Pelo que eu me lembrava, não.

A sensação do meu corpo sendo sacudido enquanto fechava os olhos e me apoiava na grade da balsa era muito intensa. Realmente parecia que eu estava me movendo junto com as ondas. Enquanto isso, o vento continuava a passar pelas minhas orelhas, o que adicionava um certo frio e firmeza à experiência. Embora ser jogada de um lado para o outro na escuridão total parecesse uma experiência assustadora, para ser bem sincera, eu não achava que fosse assim.

"Você está cansada?" Ouvi alguém perguntar ao meu lado, me trazendo de volta à realidade. Lentamente, abri os olhos e virei a cabeça.

Que surpresa, a pessoa era a Adachi. Ela estava ali, me olhando com os olhos bem abertos, enquanto pressionava o cabelo para baixo, tentando impedir que fosse levado pelo vento. Embora ela passasse uma impressão bem madura quando vista de forma geral, focando em aspectos específicos de seu comportamento, havia momentos em que ela parecia uma verdadeira criança.

Veja, por exemplo, a forma como ela estava me olhando naquele momento: eu definitivamente sentia um pouco da minha irmã mais nova nisso.

"Você não acha essa vista impressionante, Adachi?"

Dizia isso enquanto estendia os braços. *O que eu queria transmitir a ela? Eu realmente não sabia.* Estava só falando coisas aleatórias.

Depois de alguns desvios rápidos, havíamos embarcado em uma balsa para o nosso próximo destino. Estava ali, no convés do enorme navio (embora, na realidade, provavelmente não fosse tão grande), olhando o vasto oceano se estendendo à minha frente, enquanto os sons alegres dos meus colegas de classe passavam por meus ouvidos. Eu estava cercado tanta por azul quanto por branco.

Eu havia confiado meu corpo ao fluxo, tornando-me apenas uma pequena parte do mundo ao meu redor, e qual comentário isso me rendeu? "Está cansada?" *Que horrível da parte dela*. Quer dizer, sim, as ondas me balançando suavemente estavam reavivando a sonolência que eu senti mais cedo pela manhã, devido ao fato de ter acordado tão cedo, mas, ainda assim... *Horrível*.

Falar a verdade nem sempre — ou nem frequentemente — é a coisa ideal a se fazer.

"Err... Você parecia um pouco pra baixo?" Adachi disse, finalmente encontrando as palavras que procurava. Não era nem uma pergunta, nem uma afirmação, mas algo entre os dois.

"Sim. Eu decidi tentar isso enquanto o sol ainda está brilhando."

O fato de eu poder simplesmente fazer isso mostrava a força dos feriados.

Desviando os olhos da grade, vi a proa do navio afastando a água à sua frente, sua superfície pintada de branco em contraste nítido com o oceano. De vez em quando, algumas gotas voavam o suficiente para respingar nas minhas bochechas. *O cheiro forte e salgado que elas traziam ao meu nariz — era assim que o oceano cheirava? Sim, era.*

"Finalmente parece que estamos em outro lugar, longe de casa."

Parece que, para mim, a ideia de fazer uma viagem estava fortemente ligada a barcos.

Havia também algo mais que eu sentia no fundo da minha mente: Uma sensação de retorno. Eu não fazia ideia de onde esses sentimentos vinham, mas, ainda assim, estavam ali, inegavelmente.

Alguns membros da tripulação do navio haviam dado lanches para nossos outros colegas alimentarem as gaivotas, e, pelo visto, eles ainda estavam ocupados

fazendo isso. As gaivotas não hesitavam nem um pouco enquanto mergulhavam para pegar os lanches lançados no ar, o que me fez especular se elas haviam sido treinadas para esse propósito específico. Observando-as, comecei a me perguntar: *Será que a Yashiro conseguiria fazer isso também? Provavelmente.* Mas não que eu fosse dar algo assim para ela; os marinheiros haviam deixado claro que esses lanches já estavam vencidos e não deveriam ser consumidos.

Alguns momentos se passaram, quando, de repente, um bando de pássaros levantou voo a apenas alguns metros atrás de nós. Meu corpo ficou rígido como uma tábua. Surpresas pela minha reação, as aves também se dispersaram rapidamente.

"Você gosta de barcos?"

"É a minha primeira vez em um."

Dito isso, eu realmente sentia que estava na mesma maré que eles. Navios... Oceano... Maré... *Essas palavras funcionam bem juntas, não é?*

Orgulhosa desse jogo de palavras inteligente, fiz uma anotação mental sobre isso.

"Eu espero que algum dia eu tenha outra chance de estar em um barco", eu disse, aleatoriamente, deixando minhas esperanças se expandirem como um balão.

"Vamos fazer isso acontecer. Juntas."

Dessa vez, foi Adachi quem pegou o balão e o segurou alto.

Suas palavras não deixaram espaço para mais nada se encaixar, e foi exatamente por isso que elas soaram tão rígidas.

"Tá", respondi, antes de novamente apoiar a parte superior do meu corpo na grade e desviar meu olhar para onde o barco estava indo.

Pensando nisso de forma geral, a paisagem que se estendia diante de mim era um pedaço bem estreito do oceano. Mesmo assim, para mim, parecia extremamente vasto.

Tudo estava à vista, e ainda assim, nada podia ser visto.

Meu corpo estremeceu com outra rajada de vento frio que me atingiu.

***

Onde iríamos depois de sair do barco era um parque bem famoso, tão famoso que até eu sabia o nome dele. Também sabia que não era formalmente chamado de parque. De qualquer forma, o lugar era conhecido pelas vistas deslumbrantes e pelos antigos santuários que valiam muito a pena visitar, mas esse não era o motivo de estarmos ali. Não, nós estávamos apenas passando para o almoço. No primeiro andar do prédio em que entramos, vendiam souvenirs, e no segundo, comida. Subimos as escadas e vimos que cada grupo tinha uma mesa preparada para eles. Sentei-me na ponta da nossa, e, como se fosse a coisa mais natural do mundo, Adachi sentou-se ao meu lado. Em

seguida, ela puxou uma mecha de cabelo que havia caído sobre seu rosto antes de olhar para mim. Um olhar estranho, quase misterioso, podia ser visto em seus olhos enquanto ela me encarava.

"Nada."

"Claro..."

Escolhi guardar para mim o fato de que minha primeira impressão dela foi a de um cachorro médio e confiável.

Com Yashiro ainda dentro da minha bolsa, coloquei a coisa no chão ao lado da minha cadeira. Fiz isso o mais devagar possível, só por precaução.

Dessa vez, não houve gritos nem assobios.

Nosso almoço consistia em macarrão acompanhado de finas fatias de carne de cavalo cozidas com vegetais. Nunca tinha comido cavalo antes. Isso certamente não foi minha primeira nova experiência do dia, e, no que diz respeito a viagens, preferi ver isso como um grande sucesso. Peguei uma das fatias com meus *hashis*, apenas para me surpreender com a espessura delas. Eu imaginava que não era habitual cortá-las tão finas.

Segurei o pedaço de carne no ar enquanto o observava, e isso rendeu o seguinte comentário de Adachi:

"Você gosta de carne de cavalo?"

"Não sei. Nunca comi."

"Ah, eu também não."

Um sorriso apareceu no rosto de Adachi. Parecia que ela estava muito contente com a minha resposta. *Mas por quê? Isso era realmente algo para ficar feliz?* Eu quase inclinei a cabeça de lado.

No meu entendimento, ela estava feliz por ter algo em comum comigo, independentemente do que fosse.

Isso significava que Adachi gostava de pessoas que eram semelhantes a ela? Hmm... Não, provavelmente não. Isso não soava certo.

Na verdade, me parecia até o oposto. Eu tinha a impressão de que ela não gostava de si mesma.

Ou seja, não éramos iguais. Não nos parecíamos em nada.

O que Adachi buscava eram opiniões semelhantes às dela, mas vindas de alguém que pensava de forma diferente sobre o mundo. Pensando nisso, não pude deixar de sentir que havia uma contradição ali.

Com esses pensamentos difíceis na cabeça, continuei mandando para dentro meu macarrão. Ele tinha uma textura bem farinhenta, quase como se não tivesse sido cozido completamente, e, para ser honesta, eu odiava a sensação dele descendo pela minha garganta. Quanto à carne de cavalo cozida, o

problema dela era a falta de sabor. Demorou algumas mordidas para perceber onde estava o erro: a carne não tinha recebido nenhum molho.

Assim como eu, Adachi também estava comendo o macarrão com bastante indiferença. Existiria algum prato que a fizesse gritar “delicioso” em voz alta? Era difícil imaginar isso. Continuei a observá-la, e alguns momentos depois, Adachi retribuiu meu olhar.

Claramente atrapalhada e com as pupilas tremendo, ela esperava minha reação.

Que fofa.

"Nada."

"Estou começando a ficar desconfiada..."

Para a sobremesa, comemos duas maçãs cortadas em fatias. Hmm... *Isso serviria para a Yashiro?* Peguei uma fatia com os *hashis* e a trouxe perto da minha bolsa, e logo, antes que eu pudesse até mesmo abri-la, uma mão pálida apareceu de repente. Assim, o pedaço de maçã foi tomado de mim. *Uau!* Focando meus ouvidos, pude ouvir o som abafado da fruta sendo mastigada, seguido por um leve "delicioso". Ainda era meio assustador. Aconteceu a mesma coisa novamente quando peguei outro pedaço e o levei até ela.

Senti meu coração disparar: *ninguém viu isso, né?*

Embora eu tentasse me manter calma, não podia negar que minhas bochechas estavam ficando rígidas.

Após alguns olhares ao redor, meus olhos se encontraram com os de Nagafuji, que estava na mesa do grupo dela.

"Ah."

Ela havia tirado os óculos por algum motivo, mas logo os colocou de volta. Ao fazer isso, ela parecia pelo menos três vezes mais inteligente do que antes — se não mais. Com um pouco de macarrão preso nos *hashis*, ela se levantou de seu assento e se dirigiu até mim. *Por que ela havia trazido o macarrão?* Isso era um mistério para mim. Com ou sem óculos, não havia como entender essa garota.

Nagafuji fez um grande arco atrás de mim. Fiquei ali, olhando para a tigela de macarrão e para os seios dela agora pairando sobre mim. Olhar para eles tão de perto realmente fez com que eu percebesse o quão grandes eles realmente eram. Era como se eu estivesse vendo um par de meteoritos prestes a cair a qualquer momento e me esmagar sob eles.

...

Os contornos dos peitos dela eram realmente tão poéticos?

"Hmm..."

Ela estava olhando para minha bolsa de cima. Parecia que ela havia testemunhado tudo.

"Ei, Shima-Shima. Você viu algo curioso saindo da sua bolsa agora?"

Hã? Do que você está falando?

Deve ter sido só a sua imaginação.

Você é a única coisa curiosa por aqui.

Imediatamente, três possíveis respostas surgiram na minha mente.

Claro, ao escolher qual delas seguir, o mais importante a se lembrar era que a pessoa com quem eu estava falando era a Nagafuji.

"Não? Algo saiu?"

"Eu espero que sim."

Eu não.

"Não tenho certeza se já te perguntei antes, mas quão boa é sua visão sem os óculos?"

"0.1 para os dois."

Depois de dizer isso, ela fez sinais de paz com os dedos, toda preguiçosa.

"E isso é algo em que você pode confiar?"

"Não, nem um pouco."

Agora ela estava concordando comigo por algum motivo? Não fazia sentido.

Com uma despedida rápida, Nagafuji então se afastou. Felizmente, ela se lembrou de levar seu macarrão com ela.

"Pra onde diabos você foi?" Eu podia ouvir Hino começando a questioná-la enquanto a garota retornava à mesa.

"O que foi aquilo?"

Eu também fui duramente interrogada, mas no meu caso, era a Adachi quem me questionava.

"Quem sabe", respondi de volta, com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado. "Não fazer sentido é meio que uma das características da personalidade da Nagafuji."

Decidi simplesmente deixar por isso mesmo. Na verdade, eu só podia agradecer aos céus que fosse ela quem tivesse visto Yashiro e não alguém que pudesse, bem, realmente ver.

Dei uma olhada rápida na minha bolsa. Nenhuma cabeça podia ser vista saindo, o que me fez suspirar de alívio.

Também não ouvi nenhum som de mastigação.

"Shima-Shima..." Adachi murmurou para si mesma, com os *hashis* parando de se mover. "Shima... Shima."

A segunda repetição do nome foi direcionada a mim. Ela tinha uma expressão bem séria no rosto enquanto falava.

"Realmente soa como o nome de um animal quando você diz assim. Tipo um cavalo. Ou até uma zebra."

"É..."

Pelo jeito, para a Adachi, o apelido não saía muito natural da boca dela.

O que fazer agora que eu tinha sido transformado em uma zebra? Deveria relinchar? Espera... Zebras relincham? Sinceramente, eu não fazia ideia.

Já tinha visto uma zebra de verdade na minha vida? Antes que eu percebesse, estava caminhando pela trilha das memórias.

Houve uma vez em que fomos visitar um zoológico com minha família. Isso eu lembrava com certeza. Minha irmã tinha apenas dois, talvez três anos. *Ou seja, ela não se lembrava disso, né? Provavelmente não.* Pessoalmente, eu tinha ficado totalmente fascinada pela seção das aves. Havia algo no canto delas que soava tão bem nos meus ouvidos.

Naquela época, minha irmã estava apenas começando a falar. Tinha uma imagem bem clara na minha mente dela repetindo os nomes dos vários animais depois da nossa mãe.

Eu podia lembrar de tantas coisas, e ainda assim, no meio dessas memórias, havia um grande buraco do tamanho de uma zebra.

Realmente, que criaturas misteriosas eram elas.

Deixando tudo isso de lado, decidi perguntar à Adachi o seguinte:

"Será que eu poderia pegar uma das suas maçãs, se não se importar?"

"Huh. Ah, claro. Claro."

Eu tinha me dado ao trabalho de especificar uma maçã, e mesmo assim, ela acabou me dando as duas, incluindo o prato. *Bem, tanto faz.* Eu aceitei as iguarias com gentileza. Então, quando Adachi não estava olhando, coloquei a mão perto da minha bolsa e, como da última vez, as fatias que eu estava segurando desapareceram rapidamente. Havia uma parte de mim que não conseguia evitar sentir que estava diante de algo realmente incrível.

"Obrigada", falei enquanto devolvia o prato vazio para a Adachi, o que me rendeu um olhar bem confuso.

"Huh? Já terminou?"

"Sim. Estavam gostosas", ri enquanto passava a língua nos lábios. Enquanto fazia isso, pude ouvir o som abafado de mastigação vindo de algum lugar próximo.

Depois do almoço, voltamos imediatamente para o ônibus e seguimos para nosso destino, Jigoku Meguri — O Tour do Inferno. *Sim, sério, era esse o nome do lugar.* Lá, fomos levados por uma série de locais famosos. Não paramos nem uma vez para prestar mais atenção ao que estava ao nosso redor. Na verdade, parecia mais que estávamos sendo empurrados para frente em uma esteira. De todas as coisas que vimos, achei os crocodilos os mais fascinantes.

"Shimamura, você gosta de animais?" Adachi me perguntou. *Será que ela percebeu que eu estava olhando para os crocodilos? Pode ser.*

"Hmm. Sim, dá pra dizer que sim", assenti, enquanto as memórias tanto do zoológico quanto do Gon invadiam minha mente.

"..."

"Shimamura?"

Uma parte de mim queria adicionar "Eu também gosto de você, Adachi", mas vendo como isso poderia ser interpretado um pouco rude, eu acabei decidindo não dizer nada.

Com o tour pela cidade concluído, fomos então para a pousada onde passaríamos nossa primeira noite. Ainda não tínhamos passado pela porta, e já podia sentir o cheiro desconhecido de enxofre queimando meu nariz. Esse cheiro permaneceu mesmo depois de entrarmos no edifício e sermos guiadas até nosso quarto junto com o resto do grupo. *Será que era sempre assim perto de fontes termais? Provavelmente.*

O quarto que foi preparado para nós tinha um estilo japonês, claro. As paredes e os tatames no chão já estavam começando a ficar amarelos com o tempo. Eu imaginava que esse lugar recebia bastante sol. Essa suposição foi reforçada pelo fato de as luzes estarem bem fracas; mal dava para ver os cantos onde o teto encontrava as paredes. No geral, o quarto era como algo saído direto de um livro de história. A única coisa minimamente moderna visível era a televisão.

Sancho e as outras duas colocaram suas malas e esticaram as pernas, parecendo cansadas de tanto andar. Quanto a mim, me certifiquei de colocar minha bolsa bem longe das delas. *O que eu faria quando precisasse abrir a bolsa para pegar algo? Deveria simplesmente enfiar a mão nela como se nada de estranho estivesse acontecendo e torcer para que tudo desse certo?* Hmm... Isso, ou eu sempre poderia pedir para Yashiro me dar o que eu precisasse. Certificando-me de que Adachi não estava olhando, falei com minha bolsa:

"Você pode me dar uma troca de roupa?"

No instante seguinte, o que parecia ser uma mão pálida saiu de dentro dela. Junto com ela, vieram todas as roupas que eu tinha embalado, e não apenas isso, mas também o meu guia da viagem escolar. *O que diabos isso tinha a ver? Qual parte disso parecia roupa para ela?*

"Guarde isso, por favor."

Mal as palavras saíram dos meus lábios e o guia foi sugado de volta para dentro da bolsa.

Hmm... Isso era, na verdade, bastante conveniente. Mais do que isso, parecia que a maioria das minhas preocupações tinha sido infundada.

Decidi que iria esconder algumas frutas e doces enquanto jantássemos naquela noite e depois os entregaria discretamente a ela.

"Shimamura?" Adachi se aproximou de mim, tendo me flagrado conversando com minha bolsa. Havia uma clara expressão de confusão em seu rosto. "Por que você desembalou todas as suas roupas? Vai se trocar?"

"Ah, não. Eu só achei que seria bom organizá-las."

Rapidamente, coloquei todas as peças em uma pilha organizada. Depois levantei a cabeça, olhei para a Adachi e dei uma risadinha rápida.

"Huh? O quê?"

"Nada. Eu só estava pensando que você parece estar bem mais animada."

Antes da viagem, ela estava emburrada, mas agora, mais ou menos, ela estava de volta ao seu jeito habitual.

Os pés da Adachi ficaram inquietos enquanto eu apontava isso para ela. Da mesma forma, a sombra que ela projetava sobre mim também começou a dançar.

"Mas... É porque você..."

Ela parecia estar com dificuldade em escolher as palavras. Parecia que aqueles sentimentos de antes ainda não haviam desaparecido completamente. Dito isso, apesar de eu conseguir captar muita coisa pela reação dela, o que eu não entendi foi exatamente o que ela achava tão digno de preocupação. Também não pude deixar de sentir que, mesmo que eu conseguisse fazer ela me explicar o seu processo de pensamento, eu não entenderia nem metade dele.

Às vezes, era totalmente impossível para mim decifrar a lógica dos valores da Adachi. Por outro lado, de certa forma, isso poderia até ser uma coisa boa.

"Não agora, mas um dia, eu prometo que vamos a algum lugar só nós duas."

"Um dia? Quando?"

Ela parecia uma criança desconfiada de uma promessa feita por um adulto. Naturalmente, eu não tinha uma resposta que fosse satisfazer ela.

"Hmm... Depois de nos formarmos" Eu disse, só para colocar algo na conversa, ganhando um olhar de protesto. "Bem, honestamente, eu não tenho dinheiro suficiente para sair por aí. Vou ter que juntar um pouco primeiro, e já que não posso fazer isso enquanto estou estudando..."

Adachi já tinha uma reação pronta para a minha declaração seguinte. Era quase como se ela estivesse esperando por isso. Colocou a mão sobre o peito e proclamou o seguinte:

"Eu pago!"

Curiosidade divertida sobre Adachi: Apesar de sua personalidade ser o que poderia ser educadamente descrita como menos sociável, ela realmente tinha um trabalho de meio período.

"Bem, é que... Como dizer isso..."

Era como se eu fosse alguma pilantra aproveitando da minha namorada rica e tirando proveito dela.

O que eu conseguiria fazer Adachi me comprar se eu pedisse? Provavelmente muita coisa, para ser completamente honesta.

Ela teve sorte de eu não ter tanta coragem assim — nem ser uma pilantra.

"Eu não tenho mais nada para gastar meu salário."

Bem, nesse caso, você deveria economizar. Isso era o que eu pensava. Quem sabe, você pode precisar dele algum dia. Por outro lado, se eu perguntasse para a Adachi, ela provavelmente me diria que esse dia é hoje.

"Hmm... Talvez eu arrume um trabalho de meio período também."

"Sério? Vai mesmo?"

Sim, eu respondi com uma risadinha curta.

"Então, depois que eu ganhar algum dinheiro, a gente pode sair e dividir o custo. Vai ser muito mais divertido se fizermos assim, tenho certeza."

Há poucas coisas na vida que são melhores quando são desbalanceadas.

Um segundo se passou, e os olhos da Adachi começaram a brilhar. Parecia que ela concordava com a minha sugestão.

Por outro lado, conhecendo ela, era provável que a parte mais empolgante para ela fosse o fato de sermos só nós duas lá.

Na escuridão do quarto, apenas Adachi brilhava com luz.

E agora? Vamos fazer um pacto de dedo mindinho ou algo assim? Foi nesse momento que o pensamento me cruzou a mente e eu finalmente percebi os três pares de olhos apontados para nós.

Ah, certo.

Eu tinha esquecido completamente que elas estavam ali.

Não prestei muita atenção no volume da minha voz e, como resultado, acabei falando bem alto. *Devo pedir desculpas a elas? Por ter sido barulhenta? Hmm, não. Provavelmente esse não era o problema.* Pelo olhar nos olhos delas, eu tive a impressão de que a situação que havia surgido parecia mais confusa do que qualquer outra coisa.

Sancho rapidamente assumiu o papel de representante do grupo e fez o seguinte comentário:

"Uau. Vocês duas realmente são próximas, né?"

O sorriso que apareceu no meu rosto não era sincero. Não, eu estava forçando um sorriso. A mesma perna que eu tinha certeza de que estava esticada agora estava pressionada contra o meu corpo.

A avaliação de Sancho sobre nós veio carregada de um grande significado.

"Er... Sim. Acho que sim."

"Nós somos."

Enquanto eu estava perdida tentando encontrar palavras para desviar da afirmação, Adachi foi lá e pegou a minha mão. Antes que eu percebesse, ela já havia me apertado forte, me impedindo de me soltar. Ela chegou a levantar nossas mãos no ar, quase como se estivesse mostrando para as nossas espectadoras, fazendo com que as três ficassem completamente em silêncio.

Pouco a pouco, comecei a sentir minhas bochechas aquecerem.

Meus ouvidos zumbiam. Parecia que havia algo batendo dentro da minha cabeça.

Realmente, não havia como me livrar dessa.

"Isso... Isso mesmo."

Está errado. Não estava.

Não é bem assim. Era.

Adachi é minha amiga. Ela é minha namorada.

Fui forçada a aceitar o fato: Não podia mais esconder isso.

Refletir sobre mim mesma, lidar com os outros, nada disso tinha a ver com a Adachi.

Percebi que não era para esse caminho que eu estava indo, nem para esse caminho que eu queria ir.

O fato de estarmos namorando era a razão de tudo ter se tornado assim.

Relações humanas eram frágeis. Ao mesmo tempo, podiam ser intensas e fortes.

Dessa vez, outra emoção preencheu minha mente: *culpa*. As três tinham se esforçado para nos convidar para o grupo, e ali estávamos nós, azedando o clima. Me levantei, e com Adachi ao meu lado, saímos do quarto. *Para onde estávamos indo? Para lugar nenhum em particular. Qualquer lugar que não fosse o quarto já estava bom.* Deixei Yashiro para trás, mas tudo bem. Ela ficaria bem. Provavelmente. Se o pior acontecesse e ela também fosse descoberta, bem, nesse caso, eu precisaria começar a reagir de verdade.

Meu coração não estava esfriando nem um pouco enquanto caminhávamos pelo corredor.

Da mesma forma, minha mente também não estava funcionando direito. Era como se o interior da minha cabeça estivesse fervendo.

Podia sentir meus olhos pulando de um lado para o outro. Eu estava tão inquieta, impaciente.

"Nós somos... próximas", Adachi sussurrou enquanto me encarava. Era como se ela quisesse que eu confirmasse a observação de Sancho.

Por que exatamente ela precisava de uma confirmação? Que parte das nossas mãos entrelaçadas dava a impressão contrária? Embora eu não tivesse muita certeza, decidi dar essa confirmação mesmo assim.

"Sim."

Eu havia cedido com muita facilidade? O que eu tinha feito poderia ser considerado uma rendição, afinal? Ignorando tais questões, escolhi seguir em frente.

Era assim que Sakura Adachi vivia sua vida. Claro, sua desculpa era que ela era desastrada demais para fazer de outra forma, mas isso pouco importava.

Talvez eu devesse seguir o exemplo dela. Talvez eu devesse viver a vida como ela vivia. Pensando nisso, apertei novamente a mão dela.

***

Peguei um pouco daquilo, e, assim, as palmas das minhas mãos ficaram cobertas de areia cintilante.

Escolher apenas as coisas que eu gostava no meio da areia se provou uma tarefa bem difícil. Fiquei ali, olhando para as minhas palmas, perdida em pensamentos. Minhas memórias até agora estavam todas emaranhadas, formando um labirinto confuso, mas, para tentar resumir e ir direto ao ponto, eu realmente estava feliz por ter conhecido a Adachi.

Certo.

"Certo."

Eu podia sentir uma parede invisível me separando das outras três membros do nosso grupo enquanto me sentava ali, tomando minha sopa de missô.

Era hora do jantar, e nós fomos até o refeitório para nos alimentar. O primeiro prato que decidi experimentar foram os bolinhos de *koi* nadando no missô. Embora eu tivesse comido bastante peixe na vida, nunca tinha experimentado *koi* antes, e por isso fiquei curiosa para saber como era o gosto e fui direto nele. Para ser honesta, meu veredito foi... *era definitivamente peixe.*

Mas falando sério. Embora parte disso fosse provavelmente pela minha falta de experiência, não havia como negar que o carpa tinha um sabor bem único — tão intenso que até o missô não conseguia esconder.

Será que foi por ser um prato destinado a grandes grupos como o nosso que esse sabor foi o escolhido? Talvez. Será que o mesmo se aplicaria a todos os pratos desse tipo? Também era possível.

Posso dizer com certa confiança que, se você fosse a um restaurante, geralmente a comida era boa.

Não que alguma de nós fosse experimentar isso tão cedo no futuro.

Eu peguei a tigela e, como se estivesse usando ela para esconder a boca, dei uma olhada ao redor do refeitório. As paredes — quase vermelhas — pareciam muito mais brilhantes do que realmente eram por causa da iluminação excessiva, fazendo com que meus olhos não conseguissem relaxar, não importando para onde eu olhasse. Acima de mim, percebi vinhas se espalhando pelo teto.

Fiquei olhando para elas por alguns momentos antes de abaixar a cabeça. Foi quando o som voltou. Estudantes estavam por toda parte, todos amontoados dentro do refeitório. Descrever a atmosfera como ligeiramente barulhenta não dava a real sensação — era uma verdadeira bagunça ali. Como vapor, eu podia sentir o som passando pelas minhas costas e pelos meus lados.

Embora fosse difícil colocar nossa mesa mais perto do centro do refeitório, fisicamente falando, na minha mente, eu não sentia que era ali que estava. Era quase como se eu tivesse, de algum modo, me distanciado da agitação e me colocado em algum lugar perto de um canto. Essa realmente era a melhor descrição do meu estado mental atual; enquanto todos os outros estudantes estavam sentados separados em grupos, o nosso era especial porque estávamos divididos ainda mais — três para duas. Éramos como camarões, agitando-se no fundo de um canal de irrigação. *Espera, não... Essa analogia nem não fez sentido, fez?*

De qualquer forma, realmente parecia que tanto a Adachi quanto eu estávamos jantando dentro de uma caixa de vidro transparente.

Eu estava bem ciente de que, na maior parte do tempo, essa caixa só existia porque nós acreditávamos que ela existia.

Era assim que as coisas costumavam acontecer com a distância entre as pessoas; na grande maioria das vezes, era algo que você mesmo tinha criado, feito para ser.

Será que conseguiríamos nos dar bem com as outras meninas do nosso grupo daqui para frente? De alguma forma, não me parecia possível. Mesmo neste mundo em miniatura, eu me via agindo como uma fonte de atrito entre mim e as outros. Definitivamente, isso não era algo digno de louvor. Além disso, isso só iria tornar as coisas mais difíceis no futuro — aumentando o nível de dificuldade da minha vida, por assim dizer. Em certo sentido, eu até lamentava por isso.

Adachi, por outro lado, continuava comendo em silêncio. Todas as coisas que me preocupavam, não pareciam nem ao menos registrar em sua mente.

Uau. Ela realmente era forte.

Ela não tinha apoio, nada em que se apoiar, e ainda assim, não deixava que isso a derrubasse. Isso devia ser força verdadeira.

Havia também outra pessoa que eu considerava forte, mas por um motivo diferente: Nagafuji; ela tinha vindo para o jantar usando o yukata que cada um de nós recebeu da pousada e estava sendo xingada por um professor. Ela se desculpou de forma comicamente educada, prometendo ir trocar de roupa, mas logo se sentou novamente como se nada tivesse acontecido assim que o professor virou as costas.

"Sério? O que há de errado com você..."

"É assim que eu jogo. Nunca sigo as instruções do tutorial, em vez disso, tento um monte de coisas para ver o que acontece."

"Você ainda está nessa vibe de tutorial?"

Isso foi parte da conversa que ela teve com Hino, que estava sentada ao lado dela. Pensando mais sobre isso, Nagafuji talvez fosse honestamente uma delinquente maior do que qualquer uma de nós duas.

"Hmm..."

A salada que nos serviram vinha com algumas fatias finas de laranja jogadas por cima. *Em vez de comê-las, eu deveria pegá-las e levar para o nosso quarto para dar para a Yashiro? Ela havia dito que não precisava comer nada, que ficaria bem de qualquer jeito, mas então, por que ela consumia tanto normalmente?*

Seria um hobby dela, talvez? Algo que ela fazia para passar o tempo? Ficava evidente ao interagir com ela, mas realmente havia uma linha tênue entre algo ser adorável ou não.

Eu estava prestes a pegar uma fatia com os meus *hashis* quando Adachi esbarrou em mim.

"Ah, desculpa."

Isso não era novidade; como eu usava os *hashis* com a mão direita enquanto Adachi usava a esquerda, nossos cotovelos estavam ocasionalmente se esbarrando desde o momento em que nos sentamos.

Embora eu não pensasse muito nisso normalmente, era em momentos como esse que eu me lembrava de que Adachi, de fato, era canhota.

"Deveríamos nos sentadas de outro jeito, eu acho."

"É...", ela acenou com a cabeça, enquanto, desinteressada, espetava um pedaço de peixe no prato com seus *hashis*. Não parecia que ela estava com apetite. *Já teria havido alguma comida que Adachi tenha dito que gostava?* Tentei lembrar, mas nada me veio à mente.

Até aquele ponto, do que Adachi gostava? Que tipo de coisa a interessava? Hmm... Eu, acho? Era a única coisa que eu conseguia pensar. Um leve rubor apareceu no meu rosto.

Acho que era justo dizer que ela era pura — imaculada. Ninguém jamais tentou tocá-la.

Com base em tudo o que eu sabia sobre ela, isso incluía até mesmo seus próprios pais.

Somente eu era capaz de deixar minhas marcas sobre ela. Certamente, havia uma parte de mim que achava isso um grande desperdício.

Se algo era precioso demais para os outros tocarem, então não tinha certeza se eu queria fazer isso também, em vez de simplesmente observá-lo à distância.

"Shimamura?"

Será que, sem perceber, fiquei olhando pra ela enquanto viajava nos pensamentos? A expressão confusa no rosto dela parecia indicar isso.

"Está gostando da comida?"

"Hmm... Tá boa."

A resposta que ela me deu enquanto mastigava alguns grãos de arroz — um pouco duros por causa do jeito como foram cozidos — era exatamente o que eu esperava.

"Ei, Adachi. Você tem alguma comida favorita? Ah, espera... Eu acho que já te perguntei isso antes, né?"

Era uma forma mais suave de dizer que eu simplesmente não conseguia me lembrar.

Por mais que eu odiasse admitir, minha memória definitivamente estava no topo da minha lista de fraquezas.

"Não, não tenho", Adachi respondeu de forma direta. Sua boca mal teve tempo de se fechar quando ela me perguntou com os olhos de onde vinha essa pergunta.

"Eu só estava pensando, tem tantas dessas coisinhas que eu não sei sobre você. Eu gostaria de mudar isso."

Será que isso era algo sábio de se dizer em público? A presença dos outros seria uma barreira alta demais para superarmos?

Bem, eu suponho que estar cercada por altos obstáculos também poderia ser uma coisa boa, dependendo do ponto de vista; isso significava que ninguém mais conseguiria derrubá-los e chegar até nós.

De qualquer forma, minha resposta aparentemente agradou Adachi, e logo a expressão no rosto dela se suavizou. Após alguns momentos murmurando para si mesma, ela estava pronta para me dar uma resposta real.

"Gosto de água."

"Água, né? Você é uma planta ou algo assim?", perguntei rindo, fazendo Adachi desviar os olhos, como se estivesse envergonhada. Mesmo assim, não demorou muito para ela voltar a olhar para mim.

"E você, Shimamura? Do que você gosta?"

"Hmm... Acho que tem que ser *okonomiyaki*."

"Sim, eu sei que você gosta disso. Tem mais alguma coisa?"

"Mais alguma coisa... Omeletes? Eu gosto bastante de uma boa omelete."

“Como esta”, acrescentei, apontando para a omelete meio comida no meu prato. Eu particularmente gostava do tempero levemente doce que colocaram nela.

Adachi tinha uma omelete similar no prato dela, mas, no seu caso, ela ainda não tinha sequer tocado. Ela olhou para a dela, depois para a minha, antes de pegar a dela e me dar.

"Err, eu não estava pedindo para você me dar a sua, sabe?"

Não que eu fosse recusar uma omelete grátis. Claro que não.

Foi assim que o jantar se desenrolou.

"Pra que você vai usar isso?" Adachi me perguntou. Ela estava se referindo às fatias de laranja que eu tinha trazido para o nosso quarto. Eu não podia culpá-la por ficar confusa.

Assim como fiz depois do almoço mais cedo naquele dia, pedi novamente para Adachi me deixar pegar suas frutas para que eu pudesse dar algo para a Yashiro comer. Ela estava mais do que disposta a obedecer. Ela até me entregou o prato inteiro — incluindo a salada. Isso eu teria dispensado.

"Hmm, sabe... Coisas."

O que eu deveria dizer a ela? Que eram uma espécie de oferenda? Fico pensando... Isso realmente funcionaria com ela?

Sancho e as outras ainda não tinham voltado, o que nos deixava sozinhas no quarto. Mesmo assim, Adachi parecia bem inquieta. Ela andava de um lado para o outro perto da porta, quase como se não soubesse onde se sentar. Quanto a mim, eu mantinha os olhos fixos na bolsa no canto da sala, para garantir que ela não se movesse.

"O que você acha, será que a TV funciona?"

O prédio em si parecia bem antigo, e ainda assim havia uma TV ali. O contraste era, no mínimo, notável. Ao lado dela estava o controle remoto. Incentivada pelo meu comentário, Adachi rapidamente pegou e o trouxe até mim.

Ela parecia uma criança quando fazia esse tipo de coisa. Ao mesmo tempo, eu também achava bem fofo.

"Vamos ligar e ver o que acontece, tá?"

Apertei o botão de ligar. Enquanto fazia isso, pude ver Adachi virando os olhos bem lentamente na direção da tela.

Mesmo só olhando para ela de lado assim, logo ficou claro o quanto de interesse ela realmente tinha pelo mundo.

Alguns momentos depois, a sala se encheu com o brilho da TV.

"Parece que funciona. Bem, não que eu conheça os canais. Ou o que está passando."

"Certo."

Deixando Adachi mexer no controle remoto, fui rapidamente até o canto da sala. Lá, coloquei as fatias finas de laranja que eu tinha trazido perto da minha bolsa, e, como antes, elas foram imediatamente tomadas de mim. *Como Yashiro conseguia perceber o que estava acontecendo fora da bolsa sem abri-la?* Essa era apenas uma das várias perguntas que continuavam me incomodando intensamente. Seja como for, também havia algo mais que eu precisava garantir.

"Não suja a bolsa, tá?", sussurrei para ela.

"Pode deixar."

Esse comentário dela foi seguido da sua cabeça surgindo. *Espera, não. Não sai!* Ela era como aqueles, como se chamava mesmo, que eu vi na TV uma vez. *Wooper Looper?* Não, acho que não era isso. Hmm... Ah, lembrei! *Cão-da-pradaria*. Ela era como um cão-da-pradaria saindo da sua toca.

"Olha, eu primeiro envolvo meu corpo ao redor disso antes de comer. Assim, não faço bagunça."

"Err, tá bom? Faz do seu jeito."

Como tentar entender aquilo não parecia levar a lugar algum, decidi simplesmente deixar o assunto de lado. Se funcionava para ela, teria que funcionar para mim também. Alguns momentos se passaram, e então Yashiro começou a puxar a cabeça para dentro. Foi aí que eu me lembrei de algo importante que eu queria dizer a ela.

"Ah, é verdade. Eu estava pensando que, mais tarde, você poderia ir tomar um banho. Desde que tome cuidado para não fazer nada que chame atenção, acho que vai ficar tudo bem."

Conhecendo a Yashiro, as coisas provavelmente se resolveriam sozinhas. Provavelmente.

"Banhos são bons."

"É. Você deve estar super cansada depois de passar o dia inteiro dentro de uma bolsa. E suada..."

Que diabos eu estava falando? Nem eu sabia direito.

"Err, ei. Shimamura?"

"Ah!"

A voz da Adachi me trouxe de volta à realidade. Desconcertada, virei a cabeça, só para ver que ela tinha se levantado e estava agora bem atrás de mim.

"Notei que você tem falado bastante sozinha."

Pela entonação dela, parecia que ela estava realmente preocupada comigo. Certificando-me de que ela não tinha visto Yashiro, rapidamente dei um sorriso falso.

"Não, não. Tá tudo bem. Eu realmente gosto de falar comigo mesma. Ou algo assim..."

De novo, o que exatamente eu estava tentando dizer? Eu tinha notado que estava se tornando cada vez mais comum minha cabeça não funcionar direito.

Bem, tanto faz; dado minha tendência natural de achar a maioria das coisas irritantes, suponho que isso era algo esperado.

"V-Você pode falar comigo também."

Com essas palavras, Adachi se sentou ao meu lado. A maneira como ela fez isso foi bem educada. Ela era, no geral, mais alta que eu, o que era intimidador quando ficava ao meu lado. E ainda assim, era ela quem estava agindo com timidez. Achei muita graça nesse contraste.

"Manda... Manda ver!"

Eu poderia ver isso — ela tentando ao máximo fazer uma piada, com o rosto vermelho — um milhão de vezes, e nunca me cansaria. *Ela simplesmente parecia tão fofa fazendo isso.*

"Bom, tudo bem então. Sobre o que devemos conversar?" Perguntei de forma casual, estendendo minha mão em direção ao rosto da Adachi. A forma como ela se inclinava em minha direção fez seu cabelo cair sobre suas bochechas, e enquanto eu passava meus dedos por ele, ela se retraiu. Então, um momento depois, ela colocou a mão sobre a minha. Como quem toca um instrumento de cordas, seus dedos finos arranharam o dorso da minha palma.

"Isso faz cócegas."

Um sorriso se formou no rosto da Adachi. Era um sorriso bem estranho, porém. Os olhos dela permaneceram completamente abertos, quase como se ela estivesse sorrindo apenas com a boca.

Foi aí que a porta se abriu. Sancho entrou, seguida pelas outras duas. Elas mal deram um passo para dentro quando as três congelaram no lugar. *Estariam elas confusas com o que estava acontecendo ali? Por que Adachi estava com a mão sobre a minha? Eu tinha que presumir que sim. Realmente, quão descuidada eu havia sido*. E mesmo assim, não retirei minha mão. Acabou sendo a Adachi quem teve que fazer isso.

Por que eu escolhi não fazer nada? Será que de alguma forma eu me convenci de que retirar a minha mão seria demais? De que não havia necessidade? Talvez.

A única coisa que não combinava com a situação era a TV. Estava tão alta.

Será que Sancho e as outras interpretaram a situação de forma errada? Será que entenderam tudo errado? Não que houvesse algo a ser mal interpretado.

Sem oferecer nenhuma explicação, acabamos ficando ali, do jeito que estávamos, enquanto as três se acomodaram perto da TV. Elas claramente tinham perguntas, muitas delas, e ainda assim, também permaneceram em silêncio. Um programa de notícias estava passando. Algo sobre o tempo de amanhã. Para ser bem honesta, nem metade do que foi dito registrou na minha mente.

"....."

Em algum lugar, eu podia ouvir o tic-tac de um relógio. Cada tique parecia tão alto que dava a sensação de alguém me dando um tapa no pescoço.

Ainda havia algum tempo até o banho começar. Um grupo comum provavelmente passaria esse tempo conversando, mas no nosso, isso parecia impossível. O ar estava carregado, como se houvesse uma fenda — aberta por nós duas. E por mais que refletir sobre uma fenda no ar fosse típico de alguém meio sonolento, essa não era a hora.

Assim como eu, Adachi também olhava ao redor da sala, mas, no caso dela, ela não reagia de nenhuma forma. Na verdade, seu olhar permanecia em mim, na maior parte do tempo. Não era difícil imaginar que ela soltasse algo extremamente ousado se isso continuasse. Ao mesmo tempo, ela poderia simplesmente ficar em silêncio. Eu sempre tinha muita dificuldade para tentar prever o que ela faria a seguir.

Com todas em silêncio, o ar na sala logo ficou estagnado.

Acho que eu precisava ser a primeira a agir aqui.

"O que acha de darmos uma olhada ao redor do lugar?" Perguntei à Adachi. Explorar a casa de hóspedes era só uma desculpa aleatória que eu inventei para sairmos do quarto. Eu sabia que ela não estava nem um pouco interessada.

"Claro. Mas tem algo interessante aqui pra ver?"

Depois que você se acostumava com o cheiro de enxofre que pairava por toda parte, não havia realmente nada de interessante no lugar. Só parecia velho. Muito velho.

"Acho que vamos descobrir."

“Vamos lá”, acrescentei, incentivando-a a me seguir. Aproveitei e levei minha bolsa comigo. Pode até parecer que fui descuidada antes, mas não fui tão descuidada a ponto de deixar a Yashiro no mesmo quarto com outras pessoas. Quem sabe quando ela vai aparecer com a cabeça para fora novamente?

"Voltamos logo."

Com essas palavras, saímos do quarto.

"Divirtam-se", Sancho murmurou para nós. Estava claro que, assim como eu, ela também estava tendo dificuldades em decidir como abordar a situação. Será que elas iam começar a fofocar sobre nós depois que saíssemos? Imaginando o tipo de coisas que poderiam dizer, me senti um pouco melancólica. Eu não gostava nem um pouco disso, as pessoas formarem opiniões sobre você baseadas em meias-verdades e rumores.

Por outro lado, considerando que algo baseado apenas em verdades era, por definição, impossível de contestar... não sei se isso me agradava mais.

"Então, onde devemos ir?"

Como a gente não conhecia a planta do prédio, sair andando sem rumo só podia acabar com a gente se perdendo.

"Você trouxe sua bolsa. Por quê?" Adachi perguntou, com os olhos voltados para o objeto nas minhas costas.

"Ah? Bem... achei que poderia comprar alguma coisa. Isso."

Deixemos por isso mesmo.

Descemos as escadas e seguimos para o lobby. Eu tinha pensado que poderíamos encontrar alguns dos nossos colegas de escola perambulando por aí, mas não; todos os alunos ali estavam usando uniformes de outra escola e, pelo jeito, tinham acabado de chegar. *Temporada de viagens escolares, né?* Observando-os, nos sentamos no banco marrom-avermelhado próximo à loja de souvenirs.

Havia quatro bancos no total, e entre cada um, havia um vaso de flores com grandes flores amarelas. O layout dos bancos me lembrou bastante o hall de recepção de um hospital, embora, já que era um lobby, isso fosse mais ou menos esperado.

Uma luz verde indicando saída de emergência brilhava acima da minha cabeça. De vez em quando, ela piscava antes de voltar a acender imediatamente.

Olhando para ela, soltei um suspiro profundo.

Eu não estava me sentindo relaxada no quarto, mas agora estava.

A forma como estávamos apenas nós duas, afastados do grupo, realmente me trouxe à mente todas aquelas vezes que passamos no ginásio. *Por que será que isso me acalmava tanto? Seria porque foi assim que nos conhecemos? É possível.*

"Não era para estarmos explorando?" Adachi perguntou, sentando-se ao meu lado. Ela parecia genuinamente confusa.

"Sim. Mas, eu pensei que poderíamos mudar os planos."

"Huh? Tá..."

Minha natureza volúvel arrancou um sorriso discreto dela. Ficava claro que Adachi não se importava.

Se eu tivesse que adivinhar, diria que isso era porque estávamos só nós duas ali.

Eu sei muito bem qual o motivo, pensei enquanto espiava minha bolsa.

"Ei, Adachi."

O que eu estava prestes a dizer aqui? Esperei um momento, mas nada veio à mente.

Às vezes, minha boca simplesmente não queria assumir a responsabilidade.

"Sim?"

"O que acha..."

Adachi ficou bem confusa com minha resposta vazia. Faz sentido, eu suponho.

Foi meio chocante perceber como quase não havia assunto entre nós.

Passávamos grande parte dos nossos dias juntas, e por causa disso, a maioria dos tópicos que eu poderia trazer parecia entediante.

"Que tal só relaxarmos um pouco?" Eu finalmente sugeri.

Luz, ar e Adachi ao meu lado.

Parecia ser o suficiente.

Adachi deu um pequeno aceno com a cabeça para a minha ideia, e ambas ficamos ali, olhando para o espaço em silêncio.

Silêncios prolongados como esse geralmente eram bem constrangedores. Era assim que as coisas costumavam ser com as pessoas. Mas aqui... não era o caso.

Você sabia que tinha encontrado alguém realmente agradável quando podia simplesmente sentar ao lado dessa pessoa sem que fosse necessário falar nada.

Ou algo assim. Eu não tinha certeza. Era só um pensamento aleatório que passou pela minha mente.

Se havia alguma verdade nisso ou não, parecia ser algo que poderia convencer alguém – e até a mim mesma.

Passamos os próximos minutos assim, completamente livres da ideia de que estávamos ali em uma viagem escolar.

Olhei para o relógio — que eu não havia colocado, mas sim guardado no bolso — e percebi que agora era a hora certa.

Me levantando do banco, sugeri para Adachi que fôssemos embora. Uma expressão ligeiramente tensa surgiu no rosto dela. Era como se estivesse ansiosa por alguma coisa.

Mas o quê? O que havia para se preocupar? Decidi ignorar essas perguntas por enquanto.

Enquanto passávamos pela loja de souvenirs, dei uma olhada rápida. Havia alguns tipos diferentes de bolos à venda, acompanhados de alguns pães.

Tudo coisas que eu facilmente encontraria no supermercado local.

Esses eram souvenirs? Sério?

"Um pãozinho de geleia, por favor", uma voz abafada falou de dentro da minha bolsa.

Dei um leve tapa nela.

***

Quando foi a última vez que eu fui a um banho público? Honestamente, eu não conseguia me lembrar. Minha família nunca teve o hábito de visitar fontes termais.

O vestiário estava cheio de garotas. Cada classe tinha recebido seu próprio horário para tomar banho, e agora era a nossa vez. Algumas alunas que ainda não tinham tirado a maquiagem estavam fazendo isso em frente ao lavatório.

Perto da porta, dava para ouvir a voz da nossa professora dizendo a outro grupo de garotas para pararem de bagunçar.

Os armários, as paredes... tudo tinha um cheiro antigo. “Desgastado” talvez fosse a melhor forma de definir.

"....."

Parada ali, senti que alguém me encarava. Não demorou muito para perceber quem era.

"Adachi?"

"Nada..."

Com uma toalha na mão, Adachi balançou a cabeça de um lado pro outro. Ela parecia bem tensa ao fazer isso.

Do mesmo jeito, a voz dela também tinha uma certa rigidez. Era como comer batatas sem ensopado suficiente.

Faltava algo na maneira como ela estava se comportando, e isso já fazia um tempo. Especificamente desde que o assunto do banho foi mencionado pela primeira vez. *Será que ela não gostava de tomar banho com outras pessoas? Acho que sim.* Para falar de forma educada, situações em grupo com certeza

não eram o ponto forte dela. Dito isso, como eu não tinha a força necessária para empurrá-la por cima desse obstáculo, ela mesma teria que superá-lo.

Ela meio que me lembrava daquelas garotas na excursão da escola no ensino fundamental que fingiram estar gripadas só pra não precisarem entrar no banho.

Comecei tirando minha jaqueta. Depois disso, tirei o agasalho. Foi aí que, mais uma vez, senti o olhar da Adachi.

"Hmm?"

Virei pra conferir e, como esperado, ela estava me encarando. Já estava pelada.

Adachi pelada, hein? Tenho que dizer, as pernas dela pareciam mesmo bem finas, vendo de tão perto. Mal esse pensamento passou pela minha cabeça, Adachi entrou em pânico.

"Ada—"

"Não é nada!" ela gritou rapidamente, me cortando. E então saiu correndo. Tinha algo no jeito como ela correu que me chamou atenção: por algum motivo, ela balançava o braço do mesmo lado da perna que avançava. Normalmente, a gente faz o contrário. Estranho.

"Hmm..."

Só podia torcer pra que ela não escorregasse.

Tirei o resto das roupas e fui atrás dela para o lado dos banhos. Mal passei pela porta e já senti meu pescoço e minhas sobrancelhas ficarem úmidos com o vapor no ar.

O banho se estendia mais para os lados do que para frente, e tinha sido construído de forma que a maior parte ficasse no subsolo. O ambiente era bastante escuro, embora os arquitetos parecessem estar cientes disso: tanto as paredes quanto o teto eram feitos de madeira clara, como se compensassem a escuridão. Havia três janelas no total, todas bem pequenas, feitas daquele tipo de vidro que impede ver de dentro pra fora — e de fora pra dentro. Durante o dia, provavelmente serviriam como fonte de luz, mas nessa hora, também estavam completamente escuras.

Encontrei Adachi sentada em frente aos chuveiros próxima de algumas outras garotas. Seus membros não estavam machucados em lugar nenhum, o que me fez perceber que ela não tinha caído. *Isso era bom,* achei. Ao mesmo tempo, tinha definitivamente algo estranho no jeito como ela se comportava ali. Era como se suas articulações não conseguissem se dobrar direito, como se tivesse acordado com o pescoço travado — ou, no caso dela, o corpo inteiro travado. Cada vez que mexia o chuveirinho, precisava torcer o corpo inteiro para conseguir. O mesmo acontecia quando movia o braço para trás. Sendo sincera, parecia bem trabalhoso.

Mas, pensando bem, eu estaria mentindo se dissesse que nunca tinha visto ela agir assim antes.

"Posso?", perguntei em tom de brincadeira ao me aproximar, fazendo os ombros da Adachi se sobressaltarem.

"Claro", ela murmurou de volta, seguida por um gesto aleatório. Seus olhos então se arregalaram, como se alguém tivesse dado um tapa no rosto dela.

"Hmm?"

Inclinei a cabeça para o lado, confusa. *Por que ela estava apontando o chuveirinho para o próprio rosto? Bem, tanto faz.* Deixei ela quieta e peguei o meu, começando a ajustar a temperatura da água. E então, como se estivesse imitando a Adachi, deixei o líquido escorrer pelo meu rosto.

Logo, minha cabeça inteira já estava molhada — e aquecida.

Tinha algo no vapor, no calor, na forma como ele se espalhava pelo meu couro cabeludo, que tornava impossível não bocejar.

Eu conseguia sentir todos os pensamentos e emoções que haviam se acumulado dentro de mim sendo levados embora.

Essa sensação, essa sensação que anunciava o fim do dia... eu simplesmente adorava.

Passei os dedos pelo cabelo enquanto dava uma olhada ao redor da sala. *Ah, ali estava ela.* Estou falando, é claro, da Yashiro, que lavava a cabeça no canto do ambiente. Achei que essa era uma boa oportunidade para deixá-la circular livremente. Um afro cheio de espuma havia se formado ao redor da cabeça dela, me fazendo questionar a quantidade de xampu que ela tinha usado. Havia um grupo de garotas se lavando ao lado dela, e embora parecessem um tanto desconfiadas, não dava a impressão de que iriam se aproximar para perguntar quem ela era. Não que isso importasse muito; mesmo que fizessem isso, ela provavelmente só as cumprimentaria com um sorriso, deixando todas sem palavras. De qualquer forma, acabou sendo a própria Yashiro quem tomou a iniciativa. “Boa noite”, ouvi ela dizer educadamente. *É, parece que não havia nada com que se preocupar ali.*

“Hmm?”

Eu tinha acabado de pegar a garrafa de xampu quando percebi que alguém estava me encarando. Virei a cabeça e, bem ao meu lado, encontrei a Adachi completamente imóvel.

“Sim?”

Tentei me aproximar dela da forma mais suave possível. O nível de tolerância que eu estava mostrando ali era tamanho que alguns até poderiam considerá-lo suspeito. E ainda assim, apesar das minhas tentativas, fui mais uma vez

recebida com o mesmo "não é nada" de sempre. Em seguida, Adachi desviou o olhar rapidamente. Então, deu um leve tapa na própria cabeça, como se estivesse se repreendendo por aquilo.

“Hmm...”

Quantas vezes isso já tinha acontecido no total? Fiquei pensando nisso enquanto lavava a cabeça.

Ela vinha agindo de forma muito suspeita perto de mim, e já fazia um tempo. Embora sempre fizesse questão de dizer que não era nada, com certeza havia alguma coisa acontecendo.

Alguns instantes depois, terminei de me lavar. Desliguei o chuveiro e comecei a me dirigir para a área dos banhos, mas Adachi logo veio atrás de mim.

“Tava me esperando? Obrigada, mas não precisava. Você podia ter entrado primeiro.”

“Tudo bem...”

Como eu meio que já esperava, meu comentário casual não deu início a nenhuma conversa entre nós. Embora eu obviamente não pudesse ter certeza, se fosse para chutar, diria que o mais provável era que a única parte que ela realmente tinha registrado era o fato de que *eu* estava falando. Quanto às minhas palavras de verdade, o conteúdo delas, nada daquilo parecia ter sequer entrado nos ouvidos dela. Era como se ela estivesse ali fisicamente, mas não em espírito. Pelo menos, era assim que eu sentia. O que também levava a uma pergunta interessante: *onde será que o espírito dela estava?*

Desviando das outras garotas com cuidado, seguimos até uma parte próxima da parede onde não havia mais ninguém e então abaixamos nossos corpos até ficarmos submersas. A sensação era bem parecida com a de estar numa banheira — embora uma bem maior —, mas ao olhar ao redor, a imagem que mais me vinha à mente era a de uma caverna.

Era, sinceramente, bem divertido. Permiti a mim mesma aproveitar aquela sensação.

“Banhos grandes são mesmo uma delícia.”

O que eu achava mais agradável era poder esticar as pernas o quanto quisesse. Eu conseguia fazer isso em casa também quando era mais nova, mas hoje em dia, infelizmente, já não dava mais.

Acontece que crescer — e ficar maior — nem sempre era uma vantagem.

O vapor subia constantemente, e ao seguir seu trajeto com os olhos, acabei encarando o teto de madeira pintado de preto.

Havia algo naquela ausência de cor que me fazia sentir muito relaxada. Passei os minutos seguintes assim, apenas aproveitando.

“Certo então.”

Movendo apenas os olhos, com o resto da cabeça imóvel, dei uma espiada discreta na Adachi ao meu lado.

Fiquei um pouco surpresa ao notar o quão vermelhos estavam os olhos dela. Parecia até que estavam inflamados.

“Não é nada”, ela declarou de prontidão, balançando a cabeça de um lado para o outro. Seu cabelo, molhado pela água, se agitava junto. Tudo era “nada” para ela. *Será que ela tinha nascido secretamente no Planeta Nada?*

"Eu nem falei nada ainda."

Em resposta à minha repreensão, Adachi ergueu todos os dedos e os pressionou contra o globo ocular. *Que tipo de gesto era esse? Sinceramente, eu não fazia ideia.*

"Ei, Adachi."

"Blub, blub, blub."

Dessa vez, ela virou um caranguejo. Eu realmente preferia que ela não ficasse soprando bolhas assim, tão despreocupadamente.

"Hmm..."

Meio que parecia que eu entendia o que estava acontecendo ali… mas, ao mesmo tempo, não entendia.

Deixando isso de lado por um instante, voltei a olhar para frente. Dito isso, embora meus olhos estivessem fisicamente voltados para frente, não era exatamente ali que eu estava olhando.

Minha atenção ainda permanecia fixada na Adachi, agora fora do meu campo de visão. Era como se os próprios nervos dos meus olhos estivessem voltados para ela.

Ah, aí está.

Alguns segundos depois, eu senti algo. Senti um calor. Não o calor do vapor, mas o de um olhar.

Às vezes ele desaparecia, mas sempre voltava. Era como um sinal, seguindo em frente sem parar.

"Hmph."

Foi mais ou menos aí que atingi meu limite. Já não dava mais para fingir que eu não estava vendo aquilo.

Era hora de refletir sobre o que estava acontecendo.

Eu estava sendo encarada. Pela Adachi, especificamente.

Por quê? Bom, é claro que eu já sabia a resposta. Era porque eu estava nua. Provavelmente. Muito provavelmente.

De certo modo, fazia sentido. Ela era minha namorada, afinal. E ela me amava. *Muito*. Era natural que isso acabasse sendo uma das implicações de um relacionamento assim. Ao mesmo tempo, eu nunca tinha realmente pensado nisso dessa forma, e foi por isso que essa percepção quase me fez virar um caranguejo também. *Como será que os caranguejos conseguiam viver normalmente, estando nus o tempo inteiro?* Que piada ruim. E também não importava — a situação em que eu estava não tinha nada a ver com caranguejos. O que importava era que Adachi e eu estávamos nuas.

"Hmm... Hmmmm..."

Será que eu devia perguntar? Seria certo? Embora eu não conseguisse chegar a uma boa resposta, a curiosidade acabou falando mais alto.

"Você quer ver?"

O meu corpo nu.

Por que eu tinha perguntado aquilo? E se ela dissesse que sim? O que eu faria então?

Apesar de grande parte do corpo dela estar submersa na água, o tom de vermelho em seu rosto conseguiu, de alguma forma, se intensificar ainda mais com as minhas palavras. Dava para ver claramente o sentimento transbordando dela. Suas bochechas, suas orelhas, até a testa — tudo estava vermelho. Essa última parte, em especial, eu tinha quase certeza de que nunca tinha visto antes.

Não era nada saudável. Era como se ela estivesse sangrando por dentro da pele. De jeito nenhum isso era bom.

"Tô de boa..."

Ela disse isso tão rápido que quase pareceu o nome de uma pessoa.

Adachi continuou repetindo essas palavras algumas vezes, embora, como sua cabeça estava abaixada — e portanto debaixo d'água —, a maioria do que saía da boca dela eram apenas bolhas.

Ela estava indo tão rápido a essa altura que realmente parecia que eu estava sentada ao lado de um caranguejo de verdade. Gotículas da água quente continuavam respingando no rosto dela. Ficava claro que ela não aguentaria ser um caranguejo por muito mais tempo. No mínimo, ia ficar sem ar logo.

Por uma razão ou outra, eu senti que era meu dever trazê-la de volta à forma humana.

O que a gente estava fazendo, afinal? Tipo, sério mesmo.

"Escuta, Adachi. Quero conversar com você. Aceita conversar comigo?"

Eu joguei de volta a sugestão que ela mesma tinha feito há um tempo. Isso fez com que a Adachi-Caranguejo esticasse as costas levemente, transformando-se na habitual Adachi-de-Rosto-Vermelho. Ela parecia quase completamente cozida.

Os olhos da Adachi começaram a descer enquanto ela olhava na minha direção. Ou pelo menos, era o que teriam feito se ela não tivesse, mais uma vez, pressionado os dedos contra eles, como se estivesse tentando se controlar. *Que suspeito. Verdadeiramente suspeito.*

"Não estou brava. Nem estou incomodada. Então, pergunto novamente. Você quer ver?"

Não vou negar — eu estava começando a sentir um calorzinho.

Por que diabos estávamos falando sobre coisas assim em público? Não éramos exatamente só nós duas ali. Muito pelo contrário.

Adachi fechou os olhos com força. Sua mente estava claramente em frangalhos, o que parecia estar impedindo-a de me dar mais um "tô de boa". Isso também deixou sua guarda completamente aberta, permitindo que eu observasse seu corpo à vontade. *Hmm, isso aí.*

Não era só a parte frontal que tinha ganhado curvas. De jeito nenhum.

Enquanto eu estava ocupada fazendo comparações entre nós, Adachi foi em frente e lentamente levantou as pálpebras. Era como se ela estivesse dormindo e tivesse acabado de acordar.

Seus olhos e lábios tremiam tanto que parecia que algo poderia transbordar a qualquer momento.

Como se estivesse soltando um gemido, sua voz vazou lentamente, agarrando-se a mim.

"……Sim. Quero ver."

Aquelas palavras trêmulas revelaram suas verdadeiras intenções. Finalmente, ela havia retornado do Planeta Nada.

"Quer, é?"

Droga. Esse resultado era exatamente o que eu temia. E agora, o que fazer? O que eu ia fazer? Me sentia um pouco atordoada também, enquanto meus olhos perdiam o foco.

Não havia como negar agora; o que ocupava o centro dos pensamentos de Adachi era meu corpo nu.

"N-Não é o que parece. Eu só... Você é tão bonita, e... Espera, não. Não é isso. Err, é só que... aconteceu? Do nada? Não, não. O que estou tentando dizer é..."

"Sim, sim. Entendi. Por favor, se acalme."

Eu precisava interrompê-la. Se eu deixasse a Adachi colocar tudo pra fora, isso certamente atrairia atenção indesejada para nós.

"Podemos ignorar os detalhes. Sim, vamos fazer isso."

Minha intenção não era deixar ela mais nervosa ou agitada do que já estava por causa do banho, e uma pergunta como “Por que você quer ver meu corpo?” só incendiaria a situação. Quem sabe, seus olhos poderiam começar a girar, e ela poderia cair de cara na água. Por outro lado, acho que ela já estava bem perto disso. Parecendo que poderia explodir em lágrimas a qualquer momento, Adachi continuava em pânico. Estava claro que deixá-la sozinha, mesmo por um instante, resultaria em ela se transformar novamente em um caranguejo.

Hmm... O que aconteceria se eu dissesse não a ela? Seria ruim? Os sentimentos da Adachi seriam feridos? Ela ficaria magoada? A resposta para todas essas perguntas provavelmente era sim. Bem, nesse caso, e se eu transformasse isso em uma piada? E se eu dissesse algo como "Eca! Sakura, sua pervertida!"? Seria melhor? Sério, eu não tinha a menor ideia de qual era a direção certa a tomar aqui. Embora o cenário de entrar em um banho com uma garota de quem você gosta fosse algo que eu já tinha visto em mangás, quanto a como eu deveria reagir, nada realmente me vinha à mente.

Uma parte de mim queria partir para o ataque: *o que aconteceria se eu simplesmente mostrasse tudo a ela, deixasse ela dar uma boa olhada?*

Embora houvesse, obviamente, algum constrangimento ligado a isso, eu poderia lidar facilmente com essa situação.

Pensando bem, refletindo um pouco mais, parecia que o único resultado disso seria derrubar as barreiras mentais que Adachi havia construído ao redor de si mesma.

Em outras palavras, não havia motivo para não fazer isso.

Era mesmo assim?

Se você não conseguia encontrar um problema, isso devia significar que ele não existia. Certo?

"Err... Ei, Adachi."

Momentos antes, eu estava gostando de esticar as pernas, mas agora me encontrava sentada sobre os joelhos, toda tensa.

Adachi, por outro lado, respondeu recolhendo a cabeça. Ela era como uma concha se fechando.

"C—" ela tentou começar, mas sua voz falhou antes que a primeira palavra pudesse sair de sua boca.

No final, meu pedido foi o único que ecoou em voz alta.

"Não me importo se você ficar me olhando. Só... faça isso de um jeito que eu não perceba, tá?"

Essa foi a melhor solução que consegui propor.

"Hã?"

Deixando Adachi completamente confusa, me virei como se a conversa tivesse acabado. Então, tirei as mãos dos peitos e as mergulhei na água, apoiando-as firmemente no fundo da banheira. Eu estava fazendo o possível para parecer que isso não era nada de mais.

Agora, olhando para a frente, podia ver minhas colegas de classe por todos os lados — todas nuas. Claro que estavam. Não faria sentido de outra forma. Entre elas, havia uma certa criaturinha que se destacava para mim. Não sei exatamente como aconteceu, mas, de alguma forma, ela conseguiu que uma das garotas lavasse seu cabelo. Onde quer que ela fosse, sempre havia alguém para cuidar dela, tratá-la como filha ou irmã. Suponho que essa era apenas uma de suas qualidades naturais.

Certo, chega disso. Vamos voltar ao assunto principal.

O que eu estava tentando dizer é que eu dificilmente era a única pessoa nua por ali. De jeito nenhum isso era algo incomum. Muito pelo contrário. E, ainda assim, apesar disso, Adachi continuava querendo me olhar. Ela queria me ver sozinha.

Tentei bancar a inocente, mas, pensando melhor, isso honestamente poderia ter sido um bom vislumbre de quem Adachi era como pessoa. Uma parte de mim sentia que eu tinha acabado de perder a oportunidade perfeita para realmente moldar nossa relação.

Dito isso, esse não era, de longe, o lugar para lidar com esse tipo de questão.

Por falar nisso, ela estava me olhando? Hmm...

Com certeza estava. Não havia dúvida. Por mais que eu tentasse desviar o olhar e focar no futuro, era simplesmente impossível ignorá-la.

Eu praticamente sentia o toque do olhar dela contra meu corpo.

Embora eu tivesse pedido que ela fizesse isso de um jeito que eu não notasse, parecia que Adachi era desajeitada demais para tal feito.

Não aguentava mais. Me virei, e imediatamente meus olhos encontraram os dela.

"V-Você percebeu?"

A expressão no rosto da Adachi era de espanto. Seus olhos estavam arregalados, quase como se ela não pudesse acreditar no que estava acontecendo.

Isso não era bom. Longe disso.

"Err... Não. De jeito nenhum. Nada disso."

Que mentira óbvia. Será que ela realmente ia acreditar nisso? Essas preocupações, surpreendentemente, mostraram-se infundadas, pois, momentos depois, um suspiro de alívio escapou da boca da Adachi.

Suponho que isso mostrava que ela simplesmente não era capaz de pensar com clareza agora. Ela estava sendo completamente sincera aqui.

Por falar em sinceridade, essa também era uma boa descrição para o jeito que ela me olhava.

Por quê, me pergunto? Por qual motivo?

Suponho que ela simplesmente não conseguia se controlar.

Talvez devêssemos ter pensado nisso antes de entrarmos juntas em um banho. Talvez.

Eu podia sentir gotas começando a escorrer pela minha testa enquanto permanecia sentada, imóvel, com a maior parte do meu corpo ainda submersa. Não eram gotas de água, mas de suor.

Meu corpo nu estava sendo observado pela minha amante do mesmo gênero.

Eu estava exibindo tudo para ela.

Tudo isso em um banho público, cercadas por nossas colegas de classe.

"É. Isso pode ser meio ruim..."

Quando você vê por esse lado, o que eu estava fazendo aqui era realmente imperdoável.

Eu meio que queria seguir o exemplo da Adachi e simplesmente parar de pensar nisso.

Não era assim que uma viagem escolar deveria ser. Muito pelo contrário.

Embora minha intenção fosse ficar apenas um pouco, acabei esperando até quase esgotar o limite de tempo para me levantar.

Adachi me seguiu, e mesmo depois que vestimos nossas roupas, os olhos dela continuavam a traçar círculos. *Era por causa do calor? Ou por outro motivo?*

Embora eu soubesse exatamente o que estava acontecendo, por algum motivo, sentia que precisava fingir que não sabia.

***

A primeira coisa que senti ao voltar para o quarto enquanto secava a cabeça foi a sensação ardente de gotas frias sob as solas dos pés. Desviei o olhar para o chão e, ali, vi uma linha de água, quase como um pavio, estendendo-se a partir da minha bolsa. Sério, por que ela não podia se secar antes de entrar? Minhas roupas e o guia não tinham molhado, tinham? Era difícil resistir à tentação de arrastá-la para fora e dar uma boa bronca.

Dito isso, como eu realmente não podia deixar ninguém vê-la, não tive muita escolha a não ser limpar as gotas displicentemente com os pés.

Assim como aconteceu com os pedaços de fruta mais cedo, minhas roupas sujas foram instantaneamente sugadas quando as aproximei da bolsa.

"....."

Eu só podia rezar para que ela não fosse comê-las também.

Logo, as outras três chegaram, e, como na outra vez, estávamos mais uma vez divididas em dois grupos distintos. Elas conversavam, até riam às vezes, mas nós não. Estávamos completamente em silêncio. Não sei por quê, mas tinha algo que tornava difícil me aproximar da Adachi, sentada ali com o rosto vermelho e a cabeça coberta por uma toalha.

Então, o que achou do meu corpo? É. Não era fácil de conversar desse jeito.

Será que um dia conseguiríamos fazer isso?

Será que nossa relação eventualmente chegaria a um ponto em que seríamos capazes de ter esse tipo de conversa?

Em vez de insistir nessa ideia, minha mente simplesmente desligou.

Minhas bochechas começaram a ficar vermelhas, e foi preciso muito esforço para tentar esfriá-las.

Esperamos o cabelo secar e então fomos estender os *futons*.

"Hmm..."

Olhando para eles, não pude evitar sentir que havia uma distância entre nossos *futons* e os delas. *Estava pensando demais? Possivelmente.*

"Estou bem exausta. Devemos ir para a cama já?" alguém perguntou do lado delas. Parecia que o clima no quarto estava propício para isso.

Como seria nos outros quartos? Estavam se divertindo juntos?

Se fossem Hino e Nagafuji no nosso, talvez também pudéssemos ter feito isso.

"Parece que sim", DeLos afirmou em concordância. *O que exatamente ela quis dizer com "parece" assim? Eu não tinha certeza.*

"Concordo."

Meu corpo também parecia bem pesado. Principalmente por causa do banho.

Quanto à Adachi, bem, ela parecia ainda estar avoada com o rosto todo vermelho. Uma parte de mim queria perguntar o que passava pela cabeça dela, embora, ao mesmo tempo, outra parte quisesse simplesmente ignorá-la. Nossos olhos acabaram se encontrando enquanto eu a encarava, fazendo o lábio inferior da Adachi tremer.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, embora eu honestamente não tivesse ideia do que exatamente ela estava negando.

Bem, tanto faz. Fui em frente e me arrastei para dentro do meu *futon*. Era um pouco diferente do que eu estava acostumada em casa. O travesseiro era consideravelmente mais duro também. No geral, esses fatores combinados me davam uma boa sensação de estar em outro lugar.

Embora uma parte do cobertor parecesse um pouco úmida, quase mofada, por algum motivo, achei estranhamente relaxante pressionar as pontas dos pés contra ela.

Passar uma noite na casa dos meus avós sempre me deixava nostálgica, e isso era meio parecido, embora não exatamente.

"Vou apagar as luzes agora", disse Sancho (*ou seria a Panchos?*). No momento seguinte, toda a luz desapareceu do quarto. Foi como se alguém tivesse puxado uma cortina.

Ao meu redor, tudo era escuridão. Quer eu fechasse os olhos ou os mantivesse abertos, não fazia diferença. Chegou ao ponto em que, poucos momentos depois, eu genuinamente não conseguisse mais distinguir se estava olhando para o teto ou para as minhas próprias pálpebras. Isso durou apenas um breve período, no entanto, e, conforme me acostumei com a escuridão, percebi os olhos da Adachi se movendo.

Com uma expressão mais serena, como se já tivesse se acalmado, ela me olhou fixamente.

Seus olhos eram os de uma criança que queria dizer algo.

Em resposta, coloquei o dedo na frente dos lábios. Por um lado, havia outras pessoas no quarto além de nós. Também estávamos no meio da noite. Isso fez Adachi começar a piscar rapidamente, e, poucos instantes depois, ela esticou a mão esquerda para fora do *futon*. *Para onde estava indo? Para mim, naturalmente.*

Sua mão ficou suspensa no ar entre nossos *futons*.

Demorei um momento para entender o que ela estava fazendo, mas, quando compreendi, também estendi minha mão — a direita.

Ali, no silêncio da escuridão, minha mão tocou a dela. Sua pele parecia um pouco quente. *Era por causa do banho ou por outro motivo?* De qualquer forma, um sorriso logo apareceu no rosto da Adachi, e me peguei pensando se ela já tinha passado por algo parecido

Isso não era bom. Nossos *futons* estavam muito distantes para escondermos nossas mãos com sucesso.

Com base na ausência de roncos suaves no ar, estava claro que as outras ainda estavam acordadas. Se adormecêssemos assim, certamente nos pegariam no flagra.

"....."

O calor vindo da Adachi fazia meu corpo inteiro querer descansar.

Eram apenas nossas palmas que se tocavam, e ainda assim, aquela sensação alcançava meu âmago.

Todas as preocupações, todas as dúvidas logo deixaram minha mente. Era como se fossem levadas pelas ondas.

Quem realmente se importava?

Mesmo que nós cinco não conseguíssemos nos dar bem, eu sempre teria a Adachi. Agora, a questão era: *isso era suficiente? Ela era tudo o que eu precisava?* A eu atual simplesmente não tinha uma resposta pronta.

Qual era o caminho certo a seguir, isso era algo que a eu do futuro teria que descobrir.

E assim, o primeiro dia da nossa viagem escolar chegou ao fim.

Minha mente permaneceu cheia de perguntas. *Eu estava realmente bem com as coisas acontecendo como haviam acontecido?*

Essa pergunta não tinha uma resposta certa. Nem uma errada.

Essa era a minha jornada, e eu teria que decidir.